

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI
NOVA SÉRIE
BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 30

JANEIRO, 27, 1966
ANO DO CENTENÁRIO

OS INDIOS GALIBÍ DO RIO OIAPOQUE (*)

— TRADIÇÃO E MUDANÇA —

EXPEDITO ARNAUD (**)

Museu Goeldi

INTRODUÇÃO

A região guianense, situada ao norte da América do Sul, entre 2º de latitude norte e 3º de latitude sul, e de 50º a 67º de longitude oeste, abrange parte da Venezuela, desde a margem direita do rio Orinoco, as Guianas Inglesa, Holandesa (Suriname), Francesa e Brasileira. Permaneceu ignorada dos europeus até a última década do século XVI quando Lawrence de Keymis, participante da primeira expedição de Walter Raleigh (1596), processou o primeiro levantamento sistemático da costa, da margem esquerda do delta do Amazonas até a embocadura do Orinoco, compreendendo rios, produtos e tribos indígenas. Estas, aparentemente, se deslocavam em direção leste, face a penetração espanhola na Venezuela (Gillin, 1948:817).

No interior da região, Gillin (1948:800-817) registra a existência, a partir dos tempos históricos, de numerosos gru-

(*) — O presente trabalho foi baseado em uma pesquisa de campo realizada em março de 1964 junto ao grupo-local Galibí, estabelecido à margem direita do rio Oiapoque, no Território Federal do Amapá, e imigrado do rio Mana, na Guiana Francesa. Seus componentes não possuem afinidades, pelo menos nos dias atuais, nem identificam como Galibí os índios conhecidos por igual denominação, antigos habitantes da região do rio Uacá, no mencionado Território, os quais já esqueceram a língua tradicional, falando usualmente o dialeto *parois*, corrente naquela Guiana.

(**) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

pos tribais filiados a dez famílias lingüísticas distintas (1), em sua maioria Karíb, além de outros de famílias não-identificadas. Diz que, possivelmente, três áreas culturais podem ser distinguidas na mesma — (a) a *costeira*, (b) a *savana montanhosa* e (c) a *amazônica* — embora ulteriores estudos possam vir indicar mudanças ou subdivisões (Ibid.: 800-801). E conclui com as seguintes observações :

The Amazonian area is so incompletely known that its culture type cannot be accurately described, although evidently it has greater affinities with the southern Amazonian area than have other portions of the Guianas. The inland mountain-savanna area contains many elements which in more elaborated form are native to the Rio Negro region. The coastal area is populated mainly by *Carib* and *Arawak* tribes, but also by some *Warrau* who have apparently migrated from the Orinoco Delta.

Steward-Faron (1959:285), por sua vez, classificam êsses povos entre os horticultores da floresta tropical (“Varieties of Tropical-Forest-Villages. 1. The Guianas”) (2). Salientam, porém, a presença na área de negros escravos (*bush negroes*) que introduziram uma cultura africana que é conservada até hoje, e, em minoria, de elementos de outros grupos étnicos estrangeiros, inclusive malaios (3). E acrescentam :

The settlement of the Negroes pushed the Indians back into the interior, where some readaptation of their aboriginal way of life must have occurred. (1959:319).

Conforme ainda Steward-Faron (1959:289), as tribos Karíb estavam distribuídas principalmente ao norte do Amazonas, provavelmente com seu centro de dispersão nas Guianas, de

- (1) — As famílias lingüísticas indicadas são as seguintes: “Arawakan, Auekén, Cariban, Calíanan, Macuan, Muran, Salivan (or Macuan), Shirianan, Tupian and Warruan (or Guarauanan)”. Gillin, 1948:800.
- (2) — Steward-Faron (1959:284) definem as culturas da Floresta Tropical como possuindo muitas características idênticas às da área “Circum-Caribbean”, especialmente na tecnologia (casas de palha, rêdes, ubás, teares, cerâmica), subsistência baseada em peixes e outros animais aquáticos, e no cultivo de tubérculos e de diversas plantas. Observam, porém, que os povos da Floresta Tropical diferem dos da área “Circum-Caribbean”, fundamentalmente, pela ausência de *status*, classes sociais e culto de ídolos em templos.
- (3) — Entre os grupos minoritários, incluem-se franceses, ingleses, holandeses, portugueses, espanhóis e hindus.

onde poderiam ter difundido amplamente seus padrões de guerra e canibalismo, embora os Karíb do Sul do Amazonas não fôsem tão belicosos. Os Galibí (Karíb), segundo Coudreau (1887:428), eram apontados na época de Biet (1652) como constituindo a mais importante das tribos das Guianas (4). Habitavam a costa a partir de Mahury até o Orinoco e tinham como aliados os *Racalets* e como inimigos os *Palicours* (5). Na Guiana Francesa estavam divididos em três grupos — o de “Ile de Cayene, o de Macouria e o de Koureu” — havendo entre os últimos uma vintena de malocas com, aproximadamente, 250 guerreiros, além de um grande número de habitações de Canamama até Suriname (Ibid.). Em 1674, P. Guillet fala da existência de malocas Galibí na embocadura do rio Approuague e também no rio Oyac. Em 1832, Leprieur encontrou habitações Galibí no baixo Oiapoque, entre os *Pirious*, *Arouargues* e *Maraouanes* (6). Em 1882, o próprio Coudreau avista malocas Galibí à margem esquerda do rio Iracoubo, nos centros de Yanou e de Recoucua, com um total de 200 indivíduos, aproximadamente. E em 1883, Fournerau menciona um centro Galibí, à margem do rio Mana, distante 10 quilômetros da povoação e, à margem esquerda do rio Maroni, uma verdadeira tribo Galibí dividida em sete aldeias (Ibid.).

Atualmente, os índios do litoral da Guiana Francesa (Galibí, Arawak propriamente ditos e Palikúr), somam mais ou

- (4) — A denominação Galibí aparece pela primeira vez em “Memoire ... ATLAS, s/d”, no mapa 19 (1703). Lombard (1928, 143 e Pl. III), de acordo com informações de Barrère, diz que, embora provisoriamente, pode ser considerada a parte norte ocidental da Guiana Francesa como um território exclusivamente Galibí. Goeje (1943a:337) registra que os índios conhecidos pelos europeus como “Carib ou Galibí” se auto-denominam *Kaliña*, e, baseado em Coudreau (1893), acrescenta que “os homens que visitaram as Amazonas eram os Teyrou’s ou exatamente os Kaliña do Mana”. E Martius (1867:734) é de opinião que “o nome Galibí, sem dúvida, é uma modificação da palavra Carib”.
- (5) — Aracaret (Aracaré, Arikari, Racalet, etc.) — extintos — (Gillin, 1948:805). — Palicur (Palikúr) — Nimuendajú (1926, *apud*. Gillin, 1948:803).
- (6) — Apuri (Apouroui, Upurai, Piriou, Piriú). — Arawak (Arouaqui, Aruas, Aravaco, Arouage, etc.). — Marawan (Maraón, Marouaná?, etc.) — Extintos — (Gillin, 1948:802-805).

menos 1.000 indivíduos, sendo os Galibí e os Arawak muito mais numerosos no Suriname (Hurault, 1963:2) (7). Em 1958 os Galibí totalizavam 2.400 no Suriname e 573 na Guiana Francesa, divididos em três grupos — 71 na foz do Maroni, 365 no Mana e 137 em Iracoubo —, estes vivendo relativamente isolados e os de Mana e do Maroni em relações estreitas com os Galibí do Suriname, não se registrando entre os do Mana nenhuma migração importante nos últimos dez anos (Ibid.).

Os Galibí ora em apreciação, habitavam na aldeia *Kuaxi* “couachi” (Hurault, 1963:2), localizada no estuário do rio Mana, de onde, em agosto de 1950, emigraram para o território brasileiro, em conseqüência de dissensões internas ligadas ao xamanismo tribal, conforme esclareceram. Somavam então 38 indivíduos, e, liderados pelo nome Gérard Lod que ainda hoje os chefia, empreenderam a viagem pela costa oceânica em quatro canoas à vela. Primeiramente aportaram na cidade francesa de Saint George, mas logo no dia subsequente à chegada, havendo obtido permissão do Prefeito do Oiapoque, foram-se estabelecer em uma gleba à margem direita do citado rio, entre os igarapés Morcego e Belle-Cri (8).

A região constituiu parte do antigo “território contestado”, o qual, após três séculos de lutas entre franceses, ingleses, holandeses e portugueses, e, posteriormente, entre franceses e brasileiros, passou, a partir de 1900, a pertencer definitivamente ao Brasil (9). A mineração, hoje em fase de extinção, foi no passado a atividade predominante em seu interior, para

(7) — Registra Coudreau (1887:421-422) que, por volta de 1760, antes da dispersão dos índios das reduções, a qual se verificou face a expulsão dos jesuítas, existia na Guiana Francesa cerca de 18.000 habitantes “civilizados”: 1.200 brancos agricultores, 5.000 escravos negros, 2.000 mulatos e 10.000 índios. E que de 1760 a 1880 os 7.000 negros e mulatos se elevaram a 18.000. De acordo com o que registra Hurault (1963:3, fig. 1), a atual população indígena da Guiana Francesa deve oscilar entre 1.000 a 1.500 indivíduos.

(8) — A aldeia fica distante, em viagem a motor de pópa, cerca de 15 minutos da Vila Tampak (habitada por saramacás), e a 45 minutos da cidade de Saint George, na Guiana Francesa. Distância ainda 60 minutos da Cidade de Oiapoque (antiga Martinica e Vila do Espírito Santo) e a 100 minutos de Clevelândia, no Brasil.

(9) — Cf. Carvalho, 1945:127-142.

onde atraiu “coolies”, negros, chineses, martiniquenses e europeus (10). E também na presente centúria, sobretudo nos anos de 1937 e 1938, quando, conforme Guerra (1954:299-300), chegaram a penetrar no médio e alto Oiapoque cerca de 500 indivíduos, “crioulos na maioria, e 15% de caboclos, atraídos por novas descobertas auríferas efetuadas por crioulos das Guianas, principalmente da Inglesa e da Ilha de Santa Lúcia”. Presentemente, é habitada por núcleos de sociedades nacionais compostos, em parte, por remanescentes dessas penetrações e também por grupos tribais.

No lado brasileiro (Município do Oiapoque), um total de 3.969 habitantes (1.927 urbanos e 2.042 rurais) está dividido entre Vila Velha no rio Cassiporé (303 urbanos e 1.016 rurais), Oiapoque (614 urbanos e 738 rurais) e Clevelândia do Norte, sede de uma Companhia de Fronteira do Exército Brasileiro (1.010 urbanos e 288 rurais) (11). A população urbana é composta em sua maioria de funcionários públicos, comerciantes e militares (Clevelândia); a rural distribui suas atividades entre a lavoura, pesca, caça e extração de oleaginosas. A comunicação entre o aludido Município e Belém, incluindo portos intermediários como Macapá e Amapá, via marítima, era processada até bem pouco tempo por navios tipo “gaiola” da empresa SNAPP, e agora apenas em barcos motores e canoas à vela. E, via aérea, por aviões da Companhia Cruzeiro do Sul e da Força Aérea Brasileira (FAB). Na cidade do Oiapoque e em Clevelândia existem estações rádio-telegráficas, sendo a primeira do Território do Amapá e a segunda do Departamento dos Correios e Telégrafos. Os índios estão localizados, em sua totalidade, na bacia do rio Uaçá, sob a jurisdição de um Pôsto do Serviço de Proteção aos Índios, estabelecido na confluência dos rios Uaçá e Curipi. Os Palikúr, somando aproximadamente 300 indivíduos, habitam no rio Urucauá; os Karipúna com 400 no rio Curipi; e os Galibí com 450 no Alto Uaçá. Entre o médio e o baixo Oiapoque, além da aldeia Galibí de Gé-

(10) — Cf. Coudreau, 1886:60-61 e 145-147.

(11) — Cf. o I.B.G.E. (1960:6).

rard Lod, existem dois grupos-locais Karipúna com 25 e 17 indivíduos, respectivamente, e um Palikúr com 14 (12).

A população do lado francês é formada, na quase totalidade, por *crioulos*, sendo complementada por 20 saramacás oriundos do Suriname, três famílias francesas da metrópole (a do médico e de dois gendarmes) e uma malaia. Concentra-se essa população sobretudo na cidade de Saint-George (350 indivíduos), Vila Tampak (45) e adjacências (13), aplicando suas atividades na lavoura, extração de madeiras, comércio, e, embora fracamente, ainda na mineração. Os silvícolas, a saber: dois grupos Palikúr estão aldeados no igarapé Ouanari e à margem esquerda do baixo Oiapoque; e um grupo Emerilon, na confluência do rio Camopi com o médio Oiapoque, junto a um Pôsto da Guiana Francesa, contendo uma escola de alfabetização e uma enfermaria (14).

Os Galibí imigrados do rio Mana ainda conservam o dialeto original, mas falam também o *patois* e o português (15). Mantêm relações com as populações regionais de ambas as margens do baixo Oiapoque, mais intensamente com a brasileira, sendo ocasionais seus contatos com elementos das outras unidades tribais. No âmbito governamental, mais efetiva tendo sido a assistência recebida do Governo do Território do Amapá que, a pedido do chefe da comunidade, instalou na aldeia uma "casa de farinha" e uma "escola de ensino primário", esta em funcionamento desde 1960.

ALDEIAS E POPULAÇÕES

Segundo Biet (1664 : 354 - 355 *apud* Meggers & Evans, 1957:572) os Galibí estabeleciam as aldeias em pequenas coli-

(12) — Esses dados populacionais obtivemos pessoalmente.

(13) — Os números acima foram fornecidos por informantes locais.

(14) — Segundo Hurault-Frenay (1963:135) os Emerilon em 1960 somavam 60 indivíduos: 45 entre Camopi e Tamouri e 15 em Tampok, afluente do Maroni. Quanto ao número de habitantes dos grupos Palikúr acima citado, nenhuma indicação conseguimos.

(15) — O *patois* e o português somente utilizam por ocasião dos contatos externos, sendo que os elementos nascidos no Brasil ou chegados em idade infantil apenas se expressam em Galibí e português.

nas com uma larga área em torno das casas, ou também em terreno plano contíguo a uma enseada ou arroio. No interior deixavam um largo espaço para danças e outros exercícios e bem no centro, construíam uma grande palhoça, às vezes até com 150 pés de extensão (cêrca de 45 m) com cobertura de palha, onde costumavam passar o dia executando seus afazeres. As casas onde dormiam ficavam em redor a uma distância de 20 pés (6 m), sendo algumas fortificadas com uma dupla cêrca de estacas bem unidas através da qual as flechas não podiam penetrar (Ibid). Nos dias atuais, os Galibí da costa da Guiana Francesa escolhem o local para estabelecimento das aldeias mais em função da pesca do que da agricultura (16), mas também condicionado à existência de água potável, uma vez que, durante a estação sêca, o líquido do oceano penetra muito acima de Awara, e a água doce somente pode ser obtida de poços (Hurault, 1963:14). Estes são abertos no centro da aldeia a razão de um para cada cinco ou seis casas, as quais são estabelecidas a algumas dezenas de metros uma das outras, porém sem sentido de orientação e alinhamento (Ibid).

A aldeia do grupo do Oiapoque ainda permanece no mesmo local onde foi instalada há 14 anos passados, isto é, à margem do rio, em um trecho de terra firme cercado de mata e distante cêrca de 50 metros de uma pequena enseada de solo argiloso. Ocupa uma área medindo, aproximadamente, 250 metros de frente por 400 metros de fundos, onde se encontram um pomar contendo mangueiras, laranjeiras, limoeiros e coqueiros, plantado pelos próprios índios; um campo de futebol medindo 100 por 50 metros; um curral para gado vacum cercado de estacas de madeira; dois poços de água potável, sendo um em cada lado da aldeia; a casa de farinha e a escola, anteriormente mencionadas. As malocas, de igual modo como nas aldeias da costa guianense observadas por Hurault, acham-se dispostas em um

(16) — Hurault (1963:11-12), todavia, em seguida informa que o ambiente onde se acham estabelecidos os Galibí, na Guiana Francesa, é sujeito a intensas aluviões que modificam sem cessar a configuração do litoral impondo-lhes condições de vida muito particulares e obrigando-os a constantes deslocamentos.

e outro lado do terreno, irregularmente, mas deixando um espaço livre na parte central.

A referência mais antiga que encontramos a respeito das habitações dos Galibí, indica apenas que as mesmas eram feitas de madeira e cobertas com palhas de palmeira (Laon, 1654:98 *apud* Meggers & Evans, 1957:572). Martius (1867:736), subsequentemente, registra que cada família Galibí habitava em uma choupana retangular feita de esteios trançados de taipa. Todavia, informantes do grupo do Oiapoque, mais detalhadamente, esclarecem que os antigos Galibí construíam não só habitações de projeção retangular que, aliás, consoante Gillin (1948:831), é o tipo mais difundido entre as tribos guianenses, como também casas redondas (*taguxiban*). Dentre aquelas mencionam a casa grande (*tapuí*) com cobertura quase atingindo o solo, paredes de palha e tendo somente uma entrada na parte frontal; a casa de teto alto (*surá*), apoiada lateralmente em estacas, completamente aberta e com um jirau próximo ao teto para dormitório; e a casa de chão batido (*autoá*) (17).

Nos dias atuais os Galibí da costa da Guiana Francesa estão construindo casas sem paredes, com a cobertura descendo até quase o solo, no lado da direção do vento, e com as vertentes ligadas na parte posterior por um pano triangular (Hurault, 1963:14). Por serem de chão estão sempre cheia de lodo, embora alguns Galibí mais industriais já construam um assoalho sobre pilares de 30 centímetros de altura. Os esteios que antigamente eram atados hoje são fixados por pregos (Ibid.). Na aldeia do Oiapoque, as habitações pertencentes aos dois homens mais velhos são de projeção retangular, cobertura de palha de duas águas com tacaniças, sem paredes, chão batido e jirau entre as travessas que sustentam o teto para acomodação de utensílios. As demais são de idêntica projeção e cobertura possuindo assoalho abrangendo dois terços de habitação onde

(17) — Frikel (1960:9) informa, por sua vez, que os Tirió (Karíb) habitantes da região do Tumucumaque, na fronteira do Brasil com o Suriname, constroem variados tipos de casas: redondas, ovais, retangulares de oitão e uma série de subtipos, inclusive uma casa redonda, cupular, totalmente fechada com um vão servindo de entrada.

costumam dormir, sendo a parte restante de chão batido utilizada como cozinha e refeitório. Três residências possuem paredes de taboas, externas e internas, havendo, em duas, portas e janelas. A pertencente ao líder da comunidade tem as paredes de casca de árvore, aberta na parte anterior e fechada na posterior, e além de assoalho rés-do-chão possui um sótão. Esta e mais outra residência possuem como anexos palhoças totalmente abertas onde cozinham e efetuam outros serviços domésticos. As dimensões das malocas variam entre 8 e 10 metros de comprimento por 5 a 7 metros de largura. São cobertas com palha de buçu (*Manicaria saccifera* Gaertn.), têm os esteios de acariquara (*Minquartia guianensis* Aubl.) ou de acapu (*Vouacapoua americana* Aubl.) e os assoalhos e paredes de louro branco (*Ocotea guianensis* Aubl.) ou vermelho (*Ocotea rubra* Mez.), sendo os esteios e assoalhos fixados na maioria com pregos de ferro e raramente com cipós.

Como mobiliário usam bancos de madeira no estilo tradicional (*murê*), bancos compridos sem encosto (*muremaxibô*) mesas de madeira retangulares, cestos, pacarás, rêdes de confecção própria (*mimeokú*), ou do tipo "cearense", mosquiteiros de pano e maletas de couro ou madeira, adquiridas no comércio. Para iluminação utilizam lamparinas de metal e candieiros de vidro, sendo o querosene o combustível consumido.

Os registros encontrados a respeito das populações das aldeias, na área guianense, são pouco precisos. Biet (1664:355 *apud* Meggers & Evans, 1957:573-574), por exemplo, informa que havia grupos de trinta ou quarenta homens com suas mulheres e filhos, e que, nas aldeias Galibí, habitavam para mais de 40 famílias. Castelnau (1851:188) registra apenas haver avistado 300 Galibí estabelecidos junto a uma escola no Mana. Martius (1867:736), todavia, logo em seguida, esclarece que raramente viviam mais de 100 indivíduos em uma aldeia Galibí. E Coudreau (1887:428-429) apresenta, também, números aproximados, pois diz haver encontrado 200 Galibí distribuídos entre duas aldeias, e uma outra com 18 famílias.

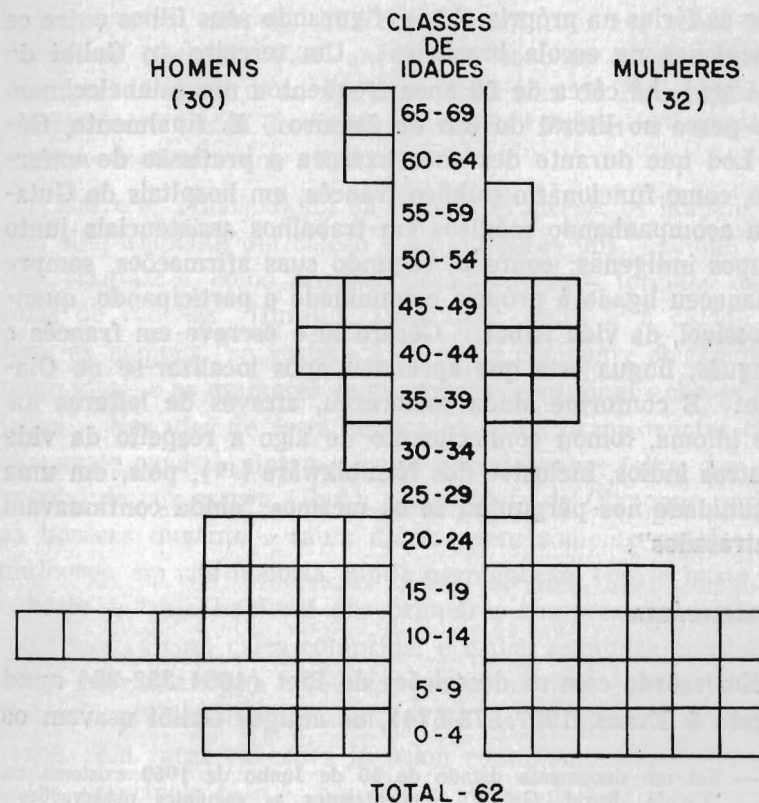
Modernamente, salvo por exceções, fala-se apenas na existência de pequenos grupos-locais entre os índios da área guia-

nense. Gillin (1948:848:849) registra que um grupo indígena varia de 15 para 40 membros, embora às vezes atinja até a 200, constituindo-se, tipicamente, o núcleo de uma aldeia, quando não a totalidade, de parentes consanguíneos e seus cônjuges. Frikel (1958:117) quanto a grupos Karib da região, evidência, igualmente, que esses índios “não têm tendência para grandes aglomerações preferindo o sistema de pequenas sipes em forma de habitações dispersas, variando de 15 para 50 pessoas”. E Hurault (1963:2) informa que os Galibí da Guiana Francesa, estão assim distribuídos: 137 em Iracoubo (2 grupos (Ibid. fig. 1); 71 na embocadura do Maroni (28 em Les Abattoirs Saint-Laurent e 43 em Saint-Jean); 77 no Mana (57 em Les Hattes e 20 em Couachi); 18 em Panato; e 270 em Awara. Entre estes, no entanto, identificou vários elementos mestiços, ou sejam, as 15 primeiras famílias partindo do extremo leste da aldeia (Ibid.: 4).

Na antiga aldeia *Kuaxi* (“Couachi”), segundo informantes da mesma, na época da cisão habitavam cerca de 60 indivíduos, e a fração dissidente, conforme já vimos, estava composta de 38 pessoas. Todavia, em 1958, mais uma família veio juntar-se ao grupo (marido, mulher e 3 filhos), sendo a esposa irmã do líder da comunidade. E em 1963, outra com seis membros (marido, mulher e quatro filhos), sendo o marido irmão do pai do mencionado líder, bem como um jovem, também seu parente pelo lado materno (primo cruzado).

No decorrer dos 14 anos de estada no Oiapoque, registraram-se entre esses Galibí 26 nascimentos (15 do sexo masculino e 11 do sexo feminino) e 11 falecimentos (2 de adultos e 9 de menores). Por motivo de casamento, ingressaram na comunidade um índio Galibí do Alto Uaçá, um Arawak da Guiana Francesa e um brasileiro, dos quais somente o primeiro ainda permanece, pois, os outros dois afastaram-se por motivo de rompimento das uniões. Por sua vez a mulher que era casada com o Arawak uniu-se com um brasileiro e emigrou para o rio Cassiporé, deixando um dos filhos do casamento anterior com seus pais e os dois outros com famílias de Clevelândia. A

que era mulher do brasileiro reintegrou-se ao antigo grupo doméstico, mas o filho havido da união com o mesmo foi doado a um casal da cidade do Oiapoque. Assim sendo, a população do grupo-local, durante o mencionado período, aumentou de 38 para 62 indivíduos, os quais, no que diz respeito às idades, estão assim distribuídos:



Dentre esses elementos, quatro homens estudaram em escolas comunais na Guiana Francesa; um em colégio de frades; duas mulheres foram educadas por freiras com quem, segundo informam, aprenderam a executar serviços domésticos e a

costurar. Presentemente 21 indivíduos de 7 a 20 anos de idade (13 do sexo masculino e 8 do sexo feminino) estão frequentando a escola instalada junto à aldeia (18). Observa-se ainda que um dos homens (George François), na década de 1940 serviu o exército francês durante 4 anos. Um outro (Charles Paul) vem desde 1961 atuando como professor dos índios Emerillon na escola de alfabetização instalada pelo governo francês na foz do rio Camopi, anteriormente citada. Contudo, costuma passar as férias na própria aldeia, figurando seus filhos entre os matriculados na escola brasileira. Um terceiro (o Galibí do Alto Uaçá), há cerca de 20 anos frequentou um estabelecimento de pesca no litoral do Rio de Janeiro. E, finalmente, Gérard Lod que durante dez anos exerceu a profissão de enfermeiro, como funcionário público francês, em hospitais da Guiana ou acompanhando médicos em trabalhos assistenciais junto a grupos indígenas; contudo, segundo suas afirmações, sempre permaneceu ligado à própria comunidade e participando, quando possível, da vida tribal. Gérard lê e escreve em francês e português, língua esta que aprendeu após localizar-se no Oiapoque. E conforme ainda esclareceu, através de leituras naquele idioma, tomou conhecimento de algo a respeito da vida de outros índios, inclusive dos Nambikwára (19), pois, em uma oportunidade nos perguntou se os mesmos “ainda continuavam tão atrasados”.

INDUMENTÁRIA

Em acôrdo com as descrições de Biet (1664:352-354 *apud* Meggers & Evans, 1957:573-574), os antigos Galibí usavam os

(18) — Em um documento datado de 30 de Junho de 1960 existente na “Escola Rural Galiby”, encontramos as seguintes observações: “Matrícula — Iniciei a matrícula a 13 de Março com 18 alunos. A frequência mantém-se ótima, só ocorrendo faltas em casos de doença ou para ajuda aos pais nos serviços da lavoura. Ambiente — Quanto a êste tenho recebido apoio integral dos pais das crianças, que tomam grande interesse no envio das crianças à escola. (a.) Maria Ivone Ferreira — Regente”.

(19) — Nambikwára (Nambiquára). Contato intermitente, alófilo. No Estado de Mato Grosso e Território de Rondônia, entre os rios Juarena, formadores do Aripuanã e Roosevelt. (Malcher, 1964:83).

cabelos longos, presos e bem penteados e, com exceção dos velhos, removiam os pêlos da face. Pintavam o corpo com jenipapo e urucu, e engorduravam o cabelo com “óleos especiais”. A maioria perfurava as orelhas e o lábio nos quais inseria pedras e outros objetos pontiagudos. Usavam colares de “caracolis” com dezoito ou vinte voltas e outros menores que chamavam “ourabis”; e as mulheres, além desses ornatos, dedais que perfuravam para pendurar na cabeça, e cordões de cristal. Os homens faziam chapéus multicores e cinturões nos quais carregavam as flechas. Para encobrir o sexo os homens usavam uma peça de pano e as mulheres uma saia de dois palmos de comprimento tecida de contas de vidro. Porém os velhos e as crianças andavam nus (Ibid).

Entre os atuais Galibí da Guiana Francesa, os homens vestem simplesmente um calção e as mulheres um “calimbé” (20) com franjas; e, como ornatos, pesados colares torcidos de pérolas de conchas (Hurault, 1963:15). Para ir à cidade, porém, os homens “se vestem à européia com uma elegância um tanto viva” e as mulheres se guarnecem com longos chales franjados. Nos dias de festa, ambos os sexos usam ornatos tradicionais de penas e pintam o rosto com desenhos feitos com suco vegetal de cor escura (Ibid). Na aldeia do Oiapoque, embora os homens durante a faina diária usem somente calções e as mulheres, em sua maioria, ainda permaneçam com o busto descoberto, o traje habitual dos primeiros compreende camisa de meia manga com calça comprida, e o das segundas consiste de blusa com saia longa e rodada, porém as mais jovens já manifestam a preferência por vestidos de corpo inteiro. Ambos os sexos, com raras exceções já usam comumente sapatos importados, principalmente os homens, e alguns deles até por ocasião dos serviços de campo. As mulheres nos dias de festas exibem roupas franjadas e de cores exuberantes, bem como colares de dentes de animais intercalados com miçangas e sementes, ou

(20) — Calimbé — espécie de tanga usada pelos *crioulos* e saramacás das Guianas.

apenas de miçangas em forma de trancelim, ou ainda cordões de ouro fabricados por ouriveis *crioulos*.

Os homens cortam o cabelo aparado, igual aos brasileiros, e as mulheres usam-no comprido, formando tranças, puxado totalmente para trás, ou cortado na testa pouco acima dos supercílios. Antigamente ambos os sexos aplicavam no cabelo óleos de tucumã ou de patauá, mas hoje usam vaselinas e óleos perfumados adquiridos no comércio. A perfuração dos lóbulos das orelhas, que antigamente era feita por ambos os sexos, agora está restrita às mulheres que, no entanto, não perfuram mais o lábio inferior. As ligaduras para salientar os músculos, que conforme Gillin (1948:835) são freqüentemente usadas por Karib de ambos os sexos, na aldeia do Oiapoque somente a mulher mais velha ainda as exhibia nos jarretes e tornozelos (21). Os ornatos de penas não são mais fabricados. A pintura do corpo com urucu é apenas aplicada por ocasião de rituais de nascimento e luto. Porém, nas festas tradicionais, todos ainda pintam o rosto com desenhos compostos de linhas e pontos, na testa e à altura dos zigomas, com um cosmético de côr roxa feito de breu, óleo de tucumã e tinta de carajuru.

CASAMENTO E FAMÍLIA

A obtenção de uma noiva entre as tribos matrilocais das Guianas, assim como na maioria das outras, consoante Gillin (1948:849), ocorre mediante a execução de serviços por parte do homem para o futuro sogro ("peito institution"), ou pelo menos através de uma preliminar residência sob seu contróle. Hurault (1963:26), com referência aos modernos Galibí da Guiana Francesa, não fala em trabalhos preliminares, registrando apenas o costume tradicional do genro ajudar os sogros até a morte de ambos, anualmente, nas lavouras e nas construções. Informantes da aldeia do Oiapoque, no entanto, esclarecem que antigamente um rapaz não só era obrigado a trabalhar junto

(21) — Essas ligaduras (*sepu*), são feitas de uma fibra que denominam *kaxinan*.

ao futuro sogro para provar que possuía habilidades para sustentar uma família, como após o casamento competia ajudá-lo nas ocasiões necessárias. Porém afirmam que nos dias atuais essa conduta não é mais observada generalizadamente pelos Galibí e que, entre eles, somente os dois homens mais velhos "trabalharam durante muito tempo para a família da mulher", embora que ainda seja considerado como "um rapaz educado o genro que, espontaneamente, coopera com os sogros".

A iniciativa de um casamento entre os Galibí, conforme ainda os mesmos informantes, deve partir da parte masculina. O pedido é efetuado pelo pai do pretendente, ou em sua falta, pelo parente mais próximo da linha paterna. Mesmo quando se trata de uma mulher viúva ou "divorciada" essa formalidade costuma ser obedecida (22). Acrescentam que, antigamente, as moças logo após a puberdade podiam contrair matrimônio, uma vez que quando isso se verificava já possuíam as habilitações necessárias para executar as obrigações domésticas. E que os rapazes, ao atingir os 18 anos, eram geralmente julgados capazes de manter uma família. Todavia, dizem que nos últimos tempos os casamentos passaram a ocorrer em idades mais adiantadas. E como exemplo, citam casos registrados entre eles, aliás já mencionados, de homens que antes de casar estudaram em escolas comunais da Guiana Francesa, aprenderam ofícios ou exerceram ocupações como assalariados. E também de mulheres que, havendo sido educadas em ambiente estranho, ao retornarem à aldeia foram obrigadas a completar o aprendizado das técnicas tribais antes do matrimônio (23).

Entre os Galibí do Oiapoque são permitidos casamentos de primos cruzados em sentido patri e matrilateral, o que parece

(22) — Segundo a tradição o representante da parte masculina quando vai solicitar uma jovem em casamento, conduz dois cigarros de tauari. No ato acende um e oferece o outro ao pai da pretendida, o qual somente procede de modo idêntico se estiver de acôrdo.

(23) — Hurault (1963:29), quanto aos Galibí da costa da Guiana, registra as seguintes idades de casamentos: homens de 17 a 20 anos; mulheres de 13 a 17. Entre os elementos da aldeia do Oiapoque os matrimônios se verificaram nestas idades: homens — de 19 a 23 anos; mulheres de 13 a 20.

ser a forma preferencial (24), sendo proibida a união de primos paralelos. O consórcio de um homem com a filha da irmã (tio e sobrinha) citado por Gillin (1948:849) como existente entre tribos Karíb das Guianas, pelo menos no presente é condenado pelos membros do grupo, embora que “caso uma moça fique grávida de um tio então sua família procura forçar o casamento”.

Antigamente os matrimônios entre os Galibí “podiam ser poligínicos, e, na aparência, eram realizados ou dissolvidos facilmente” (Laon, 1654:90 e Boyer, 1654:279 *apud* Meggers & Evans, 1957:576). Modernamente, Hurault (1963:29) apenas encontrou dois Galibí que, segundo os velhos costumes, se mantinham abertamente bigamos. Um informante da aldeia de Awara, com quem travamos contatos, mencionou também o caso de seu pai “que era chefe” e que chegou a possuir quatro mulheres ao mesmo tempo, duas das quais eram irmãs. Elementos da aldeia do Oiapoque, por sua vez, dizem haver conhecido no Mana alguns homens que possuíam duas espôsas, destacando o caso de um dêles que em face a aparente esterilidade da mulher casou-se também com a irmã mais nova da mesma. Afirmam, no entanto, que com os componentes do grupo nenhum caso dessa natureza se registrou. Declaram-se rigorosamente monógamos e, possivelmente, em consequência de novos valores adquiridos através de relações com missionários, condenam a poligínia como “contrária à moral e à religião cristã”. De igual modo manifestaram-se contrários ao casamento de um homem com a irmã da espôsa falecida (sororato), possivelmente existente no passado, pois, segundo um dêles “não é decente proceder-se como muitos pais faziam antigamente, indo entregar outra filha a um genro viúvo”.

Entre os atuais Galibí da Guiana Francesa os casamentos parecem ser estáveis. Hurault (1963:29), por exemplo, informa que embora possam ser rompidos sem inconvenientes durante os primeiros anos, na prática isso é muito raro, acrescentando só haver constatado cinco divórcios em 87 mulheres in-

(24) — Quatro casamentos havidos entre elementos do grupo-local do Oiapoque, foram entre primos cruzados.

terrogadas (Ibid). Na aldeia do Oiapoque, ocorre situação semelhante, haja visto que, seis dos nove casais existentes ainda persistem no primeiro matrimônio, tendo o mais antigo se constituído há quase cinqüenta anos e o mais recente há treze. Nos demais casos, dois homens são casados “em segundas núpcias” por motivo de viuvez, e apenas um, hoje no quinto consórcio, divorciou-se duas vêzes, pois nas demais ocorrências as mulheres faleceram. E nas duas dissoluções verificadas no nôvo ambiente, anteriormente registradas, os maridos pertenciam a outras etnias, sendo o rompimento da união com o brasileiro imposto pelos parentes da mulher, em virtude de o mesmo “se dar ao vício da embriaguez e não produzir o necessário para sustentar a família”.

Informa Hurault (1963:2) que uniões inter-tribais não são bem reputadas pelos índios do litoral da Guiana Francesa. E a seguir afirma não haver constatado em um total de 450 indivíduos Galibí do Maroni e Mana, nenhum casamento com *crioulo*, embora os índios já admitam com mais ou menos restrições uniões com elementos mestiços que desejem adotar sua língua e gênero de vida (Ibid., 1963:4) (25). Entre os elementos do grupo do Oiapoque, pelo que observamos, persiste ainda a preferência por matrimônio dentro do âmbito tribal, mas, na impossibilidade de realizá-los, dizem não haver “muitos inconvenientes” em casamentos com brasileiros ou Karipúna do rio Curipi e, mesmo em última hipótese, com Palikúr ou Galibí do Alto Uaçá, os quais reputam “muito preguiçosos”. Todavia, conservam ainda a antiga aversão quanto a casamentos com *crioulos* e, provavelmente, baseados em antigos valores reformulados, assim se expressam a respeito: “O Galibí que casar com branco após a morte sofrerá um castigo leve e temporário, mas o que casar com negro será atormentado pelo fogo do inferno”. A despeito do casamento tradicional entre os Galibí não ser marcado através de qualquer cerimônia, na costa da Guiana Francesa cerca de 25% dos casais sancionaram suas uniões por meio de matrimônio religioso” e os costu-

(25) — A situação conforme já registramos, ocorre na aldeia Awara onde existem várias famílias mestiças.

mes já evoluem manifestamente a favor desta modalidade no início da vida conjugal (Hurault, 1963:29-30). Na aldeia do Oiapoque, também quatro dos nove casais se consorciaram pelo ritual católico, sendo que o líder do grupo é igualmente casado no "civil", e costuma salientar que, através da última modalidade, o seu foi o primeiro caso verificado entre Galibí do Mana e do Maroni.

No que diz respeito aos tempos históricos, segundo Meggers & Evans (1957:572), há poucas indicações acerca do "tipo de residência" entre os Galibí. Enquanto a descrição de Laon sobre a hospitalidade dos índios sugere a existência de casas comunais, Biet registra casas de famílias individuais usadas nos mesmos sítios. Coudreau (1887:428) ainda avistou, nas aldeias Galibí da Guiana Francesa, grandes casas comunais de índios. Todavia, Hurault (1963:25) não mais menciona a existência de malocas coletivas na mesma região, informando apenas que as famílias Galibí atualmente moram em habitações separadas (inclusive velhos e viúvas), não coabitando com os sogros os novos casais, e que em 80 casos só encontrou três exceções, porém transitórias. Tal situação ocorre também na aldeia do Oiapoque, pois, cada família elementar tabita em uma casa e constitui uma unidade econômica independente, de igual forma como já se verificava na antiga aldeia do rio Mana, segundo informam (26).

Conforme Kirchhoff (1931 *apud* Gillin, 1948:849), entre as remanescentes tribos das Guianas, é característico o tipo de al-

(26) — Os nove grupos domésticos existentes na aldeia do Oiapoque, em março de 1964, estavam assim constituídos: 1) — marido, mulher e 1 agregado; 2) — mãe viúva, dois filhos e 1 filha, verdadeiros, menores de 18 anos; 3) — marido, mulher, uma filha "divorciada" pelo lado materno, 3 filhos verdadeiros, sendo 2 maiores de 18 anos e um menor, e uma filha de 16 anos, verdadeira; 4) — marido, mulher, um filho maior de 18 anos e 2 menores, e 4 filhas menores, todos do matrimônio; 5) — marido, mulher, 3 filhos e 3 filhas, menores de 18 anos, verdadeiros; 6) — marido, mulher, 4 filhos e 2 filhas menores de 15 anos, verdadeiros; 7) — marido, mulher, 3 filhos e 4 filhas menores de 18 anos, verdadeiros; 8) — marido, mulher, 2 filhos maiores de 20 anos e 3 filhas menores de 15, verdadeiros; e 9) — marido, mulher, 3 filhos e 1 filha menores de 12 anos, verdadeiros.

deia organizada em uma temporária ou permanente matrilocidade e a patrilocidade observada pelos Apalaí os faz diferir das outras tribos Karib da área, parecendo, de certo modo, indicar a conexão anterior dos mesmos com o oeste. Frikel (1960:11), no entanto, constatou existir igualmente residência patrilocal e descendência patrilineal entre os Tiriyo (Karib). E Hurault (1963:25), por sua vez, baseado em velhos informantes, esclarece que há uns cinquenta anos passados a base da sociedade Galibí era a patrilineagem localizada, mas que a partir de 30 ou 40 anos para cá se vem generalizando a regra de um novo casal residir junto à família da mulher, porém sem a sociedade deixar de ser patrilineal. E com referência aos atuais Galibí das regiões de Saint-Laurent e Mana, observou existir "um equilíbrio entre patrilocidade e matrilocidade" (Ibid:26), o que parece ocorrer também com outras unidades Galibí da Guiana Francesa, uma vez que mais adiante conclui do seguinte modo:

La structure sociale de ces groupes ne comportant plus de principe de residence rigoureux, on ne peut s'attendre à ce que la composition des villages corresponde à des groupes familiaux définis. En fait, la composition de ces villages est brassée par un lent mouvement migratoire, du principalement au départ des jeunes gens ou jeunes filles pour se marier, et au départ des ménages libérés de leur obligation de résidence par la mort des parents de la femme. (Ibid:30-31) (27).

Essa ausência de rigidez é também confirmada por informantes da aldeia do Oiapoque, cuja migração ocorreu oito anos antes da viagem de Hurault (1958). Esclarecem que, desde o antigo ambiente, a residência de novos casais se vem verificando "de acordo com a conveniência das partes", mas que os pais, sempre que possível, procuram reter os filhos de ambos os sexos após o casamento, residindo na própria aldeia, embora em casas independentes. Em seis casos identificados ocorridos ain-

(27) — Informa ainda Hurault (1963:31) que, através dos interrogatórios efetuados entre homens casados e mulheres casadas e viúvas das aldeias de Awara e Les Hattes, em 50 mulheres, 34 nasceram na costa da Guiana Francesa e 15 no Suriname; e em 67 homens casados, 37 nasceram no lado francês, 16 no Suriname e 14 não souberam precisar.

da no Mana, dois cônjuges (os homens da geração mais velha) procederam do Suriname e sempre residiram na localidade das espôsas; e quatro (dois homens e duas mulheres, irmãos), que se casaram com elementos de outros grupos, nunca se afastaram da localidade paterna. Nos casamentos realizados no Oia-poque, entre mulheres do grupo e elementos de outras etnias conforme já registramos, os casais ficaram habitando na aldeia. No que diz respeito à regra de descendência, por falta de melhor observação, nada temos a acrescentar, no momento, às citações computadas anteriormente.

MANUFATURAS

As técnicas manufactureiras dos antigos Galibí incluíam a fabricação de cestos de várias espécies (inclusive coadores para mandioca e tipitis), vasos de cerâmica com capacidade para trinta galões (cêrca de 110 litros), cabaças para bebidas, rêdes (28), arcos, flechas, cacetes, bancos de seis polegadas de altura (16 cm) ou menores, instrumentos musicais como flautas, tambores e businas, bem como numerosos tipos de vestuários e ornamentos (Biet, 1664:354-356 *apud* Meggers & Evans, 1957:573). Tôdas as tribos das Guianas faziam canoas de troncos que usavam para pesca e navegação (Id., 1664:371).

Presentemente, entre os Galibí do Oia-poque, a cestaria compreende a fabricação de cestos, tipitis, peneiras e abanos, sendo a tala de arumã (*Ischnosiphon ovatus* Kcke) o material mais comumente aplicado. Confeccionam os Galibí cestos para guardar miudezas, arredondados e de trançado em espiral; cestos retangulares com face dupla de trançado em hexagonal, com a tampa cobrindo o depósito até a extremidade da base; paineiros para condução de carga pesada, cilíndricos e de trançado aberto, hexagonal. Os tipitis são de trançado em diagonal, com alças nas extremidades; as peneiras quadradas (na maioria) ou

(28) — Biet não faz referências ao material aplicado na confecção de rêdes. Laon, no entanto, menciona “uma rêde de algodão” como parte do equipamento Galibí (Laon, 1654:98 *apud* Meggers & Evans, 1957:572).

redondas, com o crivo variável e de trançado vertical-horizantal; e os abanos de forma semi-elipsoidal, com palha de cunã ou de tucumanzeiro e trançado em diagonal.

A cerâmica é de côr ocre, simples ou decorada. Em seu processamento aplicam ainda a antiga técnica “por enrolamento em espiral” (acordelada). O barro é temperado com caripé e o cozimento feito em caieras improvisadas.

Os bancos tradicionais (*murê*) são esculpidos numa única peça de madeira, com projeção retangular ou trapezoidal e assento ligeiramente côncavo. Podem ser simples ou com estilizações de animais, variando suas medidas entre 20 e 30 cm de comprimento por 15 a 20 cm de altura (29).

Dentre as armas tradicionais, o cacete (*putu*) de há muito caiu em desuso, segundo esclarecem; e o arco (*urapá*) e a flecha (*piriwá*) só mui raramente ainda utilizam. O curare aplicado no passado para envenenar pontas de flechas, dizem os da geração mais velha que seus avós ainda sabiam prepará-lo (30). Quanto as armas ainda em uso, apenas encontramos na aldeia dois arcos e algumas flechas. O arco mais antigo tinha a haste de muirapinima (*Brosimum guianense* (Aubl.) Hub.), secção convexo-plana (31), encordoamento de fibra de tucum e fixação temporal, medindo 1,65 m de comprimento; o outro, de confecção recente, possuía a haste de madeira branca não identificada, secção quadrangular, encordoamento, fixação da corda e comprimento iguais aos da peça anterior. As flechas eram de cana-de-ubá, sem emplumação, variando as dimensões entre 1,25 a 1,60 m, com as pontas de madeira — lanceolada, à maneira de arpão ou de virote (para pássaros) —, mas os Galibí dizem que confeccionam também flechas com pontas de ferro.

As embarcações são construídas de um único tronco de árvore, ou seja, aplicando uma técnica tradicional entre as tribos

(29) — A respeito da variedade de bancos usados pelas tribos das Guianas, cf. Roth (1924:274-275) e Gillin (1948:833).

(30) — O curare é o mais importante veneno utilizado em setas pelas tribos das Guianas (Gillin, 1948:847).

(31) — Roth (1924:153) informa que “a face exterior dos arcos dos Aruak, Carib, Awawai, Patamona, Makusi e Wapishana é plana ou côncava e a interior fortemente convexa”.

da área (32). A peça é esculpida com machado e enxó, em seguida colocada em cavaletes, e, sobre fogo brando, primeiro emborcada, depois em sentido contrário, vai sendo aberta pelas bordas até a medida desejada, com o emprêgo de tesouras de pau. Fabricam os Galibí do Oiapoque, não só pequenas ubás como também canoas de maiores dimensões, algumas até com capacidade para transportar cerca de 4.000 quilos, contendo cavernas, falcas, rodela e bancos fixos em sentido transversal. As madeiras mais empregadas nessas embarcações são as seguintes: angelim (*Hymenolobium excelsum* Ducke), itaúba (*Silvia itauba* (Meiss.) Pax.), tatajuba (*Bagassa guianensis*, Aubl.) e louro vermelho (*Ocotea rubra* Mez.).

Os remos têm a pá fusiforme e o punho em forma de muleta, variando o comprimento entre 1,70 m a 1,80 m. As velas são de tecido de algodão e de forma triangular, informando, porém, que no passado fabricavam velas retangulares de polpa de miriti.

Os instrumentos musicais ainda confeccionados pelo grupo do Oiapoque, são: o tambor (*samburá*) — caixa cilíndrica de madeira com as bases de pele de animal silvestre (veado caititu ou queixada), medindo cerca de 40 cm de altura por 50 cm de diâmetro (33); o maracá de uso feminino (*kalawaxi*) constituído por uma vareta medindo 1,00 m, aproximadamente, e um pequeno cesto com orifícios, contendo sementes no interior; o maracá (*maraká*) usado pelo pajé, composto de uma caça contendo pequenas pedras e cabo de madeira, medindo cerca de 30 cm; um tipo de flauta singela de taboca (*xinian*) com orifícios laterais; e uma busina de barro (*kuti*), biglobular.

ECONOMIA

Antigas indicações sobre a subsistência indígena na área guianense falam em abundância de caça, no cultivo da mandioca

(32) — A técnica é também tradicional entre índios e caboclos da Amazônia (Cf. Galvão, 1959:33).

(33) — Roth (1924:467) contesta a opinião de Koch-Grünberg, quanto a provável introdução do tambor ("tabulu", "sambula", "samulam") na

ca e do milho (Harcourt, 1613:113-151 *apud* Meggers & Evans, 1957:570). E, igualmente, na fartura de peixes, a ponto de haver exploração por parte dos europeus não só para consumo como para comércio (Biet, 1664:148, *apud* Meggers & Evans, 1957:570). Os índios para caçar empregavam como armas somente o arco e a flecha. Mas adestravam cães para encurrular porcos e, embora não colocassem armadilhas, sabiam se esconder para esperar a caça. Os Galibí da "área de Caiena" pescavam com arco e flecha e narcóticos (Ibid). Não conheciam instrumentos "para cortar e outras atividades similares, exceto pedras pontiagudas e cortantes", mas já utilizavam ralos de ferro ou de cobre para desmanchar mandioca, como também chapas de ferro para torrar beiju (Biet, 1664:153-336 *apud* Meggers & Evans, 1957:573). Subseqüentemente Martius (1867:736-737) informa que os Galibí, uma vez habitando na costa oceânica, dependiam mais da pesca que da caça, embora atribuissem à segunda maior valor nutritivo. Para caçar, além do arco e da flecha, "que antigamente era envenenada", já usavam espingardas. Cultivavam mandioca, batata doce, inhame, milho em pequena quantidade, "pisang"?, "alguns comestíveis Aroiden" (?), pimenta-malagueta e urucu, mas desconheciam a cultura do arroz (Ibid.)

Hodiernamente, Gillin (1948:825-828), registra que na área guianense a pesca é de primeira importância em quase todas as tribos, sendo efetuada com anzóis e linha, tóxicos, armadilhas, flechas e arpões de vários tipos "e diversos outros métodos"; e que na caça são utilizados arcos, flechas, lanças, arpões, armadilhas e cães. Aponta o cão como o único animal aborígine da região, embora algumas tribos criem como *xerimbabos* pequenos animais e pássaros. A coleta apresenta como tendo papel suplementar na subsistência. E entre os vegetais cultivados diz ser a mandioca (brava e doce), sobretudo a primeira, o produto básico da área, onde também se cultivava outras plantas nativas como o ananás, mamão, côco (?), batata doce, algodão,

área guianense por parte dos europeus, e acredita ter sido esse instrumento difundido "da América do Norte através dos Aruak e ilhéus Carib antes da invasão européia".

tabaco, cabaça, flecheira, pimenta, abacate e milho; e plantas introduzidas pelos europeus, como a banana, inhame, “edo” (?) cana-de-açúcar, e esporadicamente frutas cítricas. Acrescenta que o plantio do feijão não é generalizado, parecendo não ser espécie tradicional e, apesar de ser comum a abóbora e a abóbora-menina, pouco se sabe a respeito das mesmas nos primitivos tempos (Ibid.). Hurault (1963:11), por sua vez, observa que a economia dos Galibí da costa da Guiana Francesa é baseada na horticultura e na pesca, sendo esta a atividade predominante. Como métodos empregados na pesca menciona a barragem de pequenos cursos d’água, tarrafas, e linhas com múltiplos anzóis munidos de flutuadores (certamente espinheis) (Ibid. 20:21). E quanto às espécies cultivadas fala apenas “em um maior rendimento no plantio de tubérculos que de bananeiras”, “em variedades de mandioca” e em “inhame” (Ibid:15-16 e 19).

Para a comunidade do Oiapoque, nos dias atuais, a horticultura é o mais importante ramo de atividade, seguindo-se a pesca, caça e coleta, respectivamente. Plantam os Galibí sobretudo a mandioca brava (*Manihot utilissima* Pohl.), amarela e branca, mais comumente a primeira. E também a macaxeira (*Manihot palmata* Muell. Arg.), batata doce (*Ipomea batatas*), cará (*Dioscorea canniensis* Lam.), inhame (*Dioscorea alata* L.), taioba (*Xantosoma safittifodium* Schott), abacaxi, banana, algodão, urucu, pimenta e cana-de-açúcar. Segundo informam, no rio Mana, cultivavam igualmente mamão, abóbora, tabaco e milho (amarelo e vermelho), sendo que, a última espécie, deixaram de cultivar no novo ambiente “em virtude de não haverem obtido resultados compensadores”.

Na costa guianense, os Galibí estabelecem as lavouras nas “ilhas” de terra firme existentes no meio dos alagadiços, com o contorno quadrangular, diferentes dos roçados dos *crioulos* que são redondos ou ovais. As derrubadas ocorrem de dois em dois anos, com uma superfície aproximada de 0,70 hectares, possuindo cada família uma “habitation de culture” próxima ao roçado para o processamento da mandioca (Hurault, 1963:15-19). Os Galibí do Oiapoque estão fazendo também roças de contorno retangular ou quadrangular, anualmente ou

com intervalos de dois anos, na mata existente próxima à aldeia, utilizando instrumentos como machados de aço, terçados e enxadas que, segundo afirmam, desde muito tempo são usados pelos Galibí, em substituição aos implementos de pedra recordados através da memória tribal. Presentemente é raro as famílias estabelecerem roças separadas como no Mana, onde nem sempre, dizem os informantes, dispunham de espaços suficientes nas “ilhas” para grandes lavouras. Na maioria das vezes abrem uma área que, após a queimada, é dividida proporcionalmente entre os grupos domésticos que participaram do trabalho, mediante a colocação de troncos de árvores deitados no solo. A preparação do terreno, compreendendo brocagem, derrubada, queimada e encoivramento se processa de julho a novembro e o plantio tão logo surjam as primeiras chuvas, em dezembro ou janeiro. Os tubérculos são plantados em covas de 80 cm de diâmetro por 40 cm de profundidade, aproximadamente, onde colocam de 3 a 4 pedaços de batata ou talos de maniva, estes em sentido horizontal. Destas espécies costumam efetuar duas ou três replantas, existindo presentemente na aldeia, dois roçados, ou seja, o aberto em 1963 com 8 hectares (32 tarefas), e o de 1964, com 11 hectares (44 tarefas), ocupando a mandioca cerca de dois terços da área (34).

A pesca no antigo ambiente era realizada com arco e flecha, barragem de igarapés, tarrafas, espinheis e timbó, de cuja planta mencionam três variedades — *nhéco* (silvestre), *xituanan* e *akunapáro* (cultivados) — sendo a última reputada como de maior toxidez. Empregavam ainda rêsdes de malha como o “tramail” (tresmalho), o “seine” (arrastão) e o “folette” (35), cujas técnicas de fabricação e emprêgo dizem haver aprendido com os malaios. No baixo Oiapoque a pesca pode ser efetuada durante todo o ano, porém com maior rendimento no período de estio, compreendido entre junho e dezembro, quando mais acentuada se torna a penetração da

(34) — Uma tarefa na região, é calculada na base de 625 braças quadradas (2.500 m²). Plantada de mandioca, após um ano, produz raízes para fabricar de 500 a 800 quilos de farinha ou beijus.

(35) — Folette — espécie de rede singela, que é conduzida entre duas canoas, ou entre a embarcação e um flutuador.

água do oceano (36). Nos dias atuais os Galibí estabelecidos na região não mais utilizam o timbó. Pescam com espinhéis, caniços, ou simplesmente com linhas de algodão ou “nylon” e anzóis de aço; ou ainda barrando igarapés através de métodos ensinados pelos brasileiros, ou sejam: com um tipo de arpão composto de uma haste de madeira e zagaia de aço, geralmente à noite, munidos de lanterna elétrica, e com armadilhas de tala de arumã em forma de funil.

No Mana caçavam com cães, ou à noite “esperando” trepados em árvores junto às comedias (37), munidos de espingarda e facho de palha, ou mais recentemente com lanterna. Agora no Oiapoque não mais estão utilizando cães, e, na estação da seca, caçam quase que exclusivamente à noite, através do sistema de “espera”. Como já frisamos, a importância da caça na economia do grupo continua sendo inferior a da horticultura e da pesca, mas se deve considerar também não existir abundância de animais silvestres no ambiente onde se encontram (38).

Dentre os frutos silvestres, aplicam como suplementação alimentar, principalmente o tucumã, o açaí e o inajá. Não possuem cães ou outros animais como *xerimbabos*. Todavia, já criam em pequena quantidade patos e galinhas. Há alguns anos tentaram desenvolver a criação de suínos, mas, segundo esclarecem, tiveram logo de extingui-la em face aos prejuízos que os animais vinham causando às plantações. Um criatório de gado vacum, pertencente ao líder do grupo, iniciado em 1958 com um casal e hoje com 10 cabeças, já começa a apresen-

(36) — Peixes mais pescados no baixo Oiapoque — Piramutaba (*Brachyplatystoma* sp.), pirapema (*Brachyplatystoma filamentosum*), dou-rada (*Brachyplatystoma flavicans*), curumatã (*Phochilodus* sp.), traíra (*Hoplias* sp.), pirapema? e pescada? — branca, amarela e preta.

(37) — Comedia, lugar onde caem frutos silvestres procurados pela caça.

(38) — Animais mais caçados no Oiapoque — veado vermelho (*Mazama americana*), caititu (*Tayassu tayacu*), queixada (*Tayassu pecari*), anta (*Tapirus americanus* Briss.), capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris* Erxl.), paca (*Cuniculus paca*), cotia (*Dasyprocta aguti*), jabuti (*Testudo* sp.), jaburu (*Jabiru mycteria*) e pato-do-mato (*Cairina machata*).

tar dificuldades para sua manutenção, pela necessidade de novas pastagens e cercas em torno das lavouras.

Os primitivos Galibí assavam o peixe ou a carne de caça, juntamente com a pele, em uma armação composta de quatro forquilhas, distantes entre si dois pés (60 cm) e sobre as quais eram dispostas varas para formar uma grilheira (moquem) (Biet: 1664:538, *apud* Meggers & Evans, 1957:571). A mandioca brava para confecção de beijus era “descascada como um nabo”, ralada em implemento de ferro ou cobre, colocada em sacos e em seguida prensada para extrair o sumo (tucupi). Os beijus eram torrados em chapas de ferro sobre um pequeno fogo (Id., 1664:336; id., 1957:570). Quanto aos dias atuais, Gillin, (1948:829) afirma que na área guianense, exceto entre grupos da Guiana Brasileira e outros que não possuem agricultura, o beiju é base da subsistência. Porém, Hurault (1963:21) ao ocupar-se dos Galibí não menciona o beiju, e registra apenas que os mesmos “continuam fiéis a alimentação tradicional à base do couac”... (39). Todavia, os Galibí imigrados do Mana, afirmam que dentre os produtos da mandioca o beiju (*arepá*) é o alimento tradicional e que a farinha somente aprenderam a fabricar por volta de 1930 com os *crioulos*, e transmitiram a técnica aos Galibí do Maroni (40).

Presentemente, na aldeia do Oiapoque, para a preparação dos beijus, a mandioca é desmanchada em ralo feito de pedaço de lata furado a prego, passada em peneira de crivo fino (*manarê*) e prensada no tipiti, através de um sistema de alavanca composto de um poste de madeira vertical e duas hastes paralelas prêsas ao mesmo, sendo curta a de cima e longa a de baixo (41). Uma vez extraído o tucupi, que é aplicado como condimento, a massa é acondicionada em paneiros. A torração dos beijus é feita em chapas de ferro fundido, com o diâmetro

(39) — Couac — “farinha de mandioca torrada e granulada que se conserva durante meses” (Hurault, 1963:19).

(40) — O informante de Awara, por sua vez, informou que a fabricação de farinha lhe foi ensinada por um sacerdote católico.

(41) — O sistema de alavanca é também utilizado por outras tribos das Guianas (Gillin, 1948:829, pl. 111), e do Rio Negro (Galvão, 1959:25, est. XIV).

aproximado de 60 cm adquiridas no comércio da Guiana Francesa. Além da massa obtida pelo modo descrito, aplicam também na mencionada confecção a crueira, depois de socada no pilão e peneirada (42).

Além da farinha seca que é feita com a mandioca ralada, e da qual extraem parte da tapioca, já aprenderam também os Galibí do Oiapoque com os brasileiros a fabricar a farinha mista, que consiste na mistura das massas puba e ralada. Para publicar deixam as raízes de mólho na água três ou quatro dias. Na ralação empregam implementos compostos de uma prancha de madeira retangular, medindo entre 0,80 a 1,00 m de comprimento por 25 a 30 cm de largura, com identificação de ferro. Em seguida a massa é misturada em cochos de madeira, passada em peneira de crivo grosso (*tanusara*) e prensada no tipiti. A torração é efetuada 36 ou 48 horas após a prensagem em forno de cobre, preferencialmente, ou de ferro (43). A tapioca também é aplicada na confecção da farinha e beijus, depois de decantada várias vezes e passada em peneira de crivo fino.

O caxiri (*payá*), a bebida tradicional, é feita de beijus ou de uma variedade de mandioca (manicuera), depois de ralada e fervida. Para fermentar a massa é posta de mólho na água em vaso de barro (*samakú*) coberto com folhas de sororoca, durante um ou dois dias, juntamente com pedaços de batata, geralmente de cor roxa para dar colorido à bebida. Em seguida a mistura é prensada no tipiti, sendo o líquido passado em peneira e coado em tecido de algodão. Quando desejam obter uma bebida de teor alcoólico mais acentuado (*payáwaro*) deixam beijus envelhecidos durante dois dias de mólho, após o que adicionam beijus novos e mantêm a mistura fermentando durante mais dois dias.

(42) — Crueira — resíduos de mandioca que não passaram no crivo da peneira.

(43) — Existem na aldeia dois fornos. Um de ferro (1,30 m de diâmetro, que trouxeram da antiga aldeia e cujas bordas são de madeira. É um de cobre (1,50 m) o qual, juntamente com os cochos de madeira (2,50 x 0,60 x 0,30 m), um motor a gasolina de 1,1/2 H.P., e um ralador composto de bolandeira, tariscas e polia (hoje inutilizado), constituem o equipamento da casa de farinha doada pela Prefeitura do Oiapoque.

A preparação do peixe e da carne é processada sobretudo em panela de metal adquirida no comércio, colocada diretamente sobre uma pequena fogueira ou apoiada em trempe de ferro. Utilizam ainda moquens e, mais raramente, vasilhames de barro que atualmente são mais empregados para depósito de água.

Os condimentos mais comumente aplicados na alimentação são a pimenta, o tucupi e o sal importado (44). Empregam o açúcar não só para adoçar mingau e café, como também em doces que algumas das mulheres aprenderam a confeccionar após se haverem estabelecido no Oiapoque. E, na medida das possibilidades aquisitivas, consomem também alimentos enlatados — leite em pó ou condensado, chocolate, carne e peixe em conserva.

Pelo menos três refeições diárias costumam fazer. No repasto matinal ingerem mingaus de tucumã, crueira ou tapioca e, às vezes, café e leite com macaxeira, cará, batata doce ou beijus. Nas demais refeições o peixe aparece mais frequentemente que a carne de animais silvestres, acompanhado de tubérculos, beijus ou farinha, sendo que os mais velhos ainda preferem beijus enquanto os jovens e crianças consomem mais a farinha (45). O caxiri somente é fabricado por ocasião de mutirões e de festas, quando já costumam adquirir também vinho e cerveja. Todavia, o consumo de bebidas alcoólicas entre os elementos do grupo é ocasional, e apenas um homem nos foi apontado como “bebedor” habitual.

As refeições fazem ora em mesas, principalmente os homens, ou sentados em bancos tradicionais, geralmente as mulheres e crianças. É generalizado o uso de pratos, tijelas e colheres (de metal, pedra ou vidro), bem como de garfos e colheres, sendo raro o emprêgo de facas. A limpeza dos utensílios é executada com sabão que aplicam, igualmente, na lavagem de roupas e asseio individual.

(44) — Segundo informantes, no passado, extraíam o “sal” de caules de palmeiras.

(45) — Presentemente, o consumo médio mensal de cada grupo doméstico é de 90 quilos de farinha.

O tabaco (*Nicotiana tabacum*) é usado por todos os homens e, desde pouco tempo, também por algumas mulheres. Fumam os Galibí do Oiapoque, não só cigarros confeccionados de tabaco de “môlho”, adquirido no comércio, com invólucro de tauari, como cigarros importados. Esclarecem, no entanto, que, quando cultivavam o produto, as folhas eram transformadas em cigarros depois de secas e cozidas no fogo, pois, o processamento do môlho, tal como hoje, lhes era desconhecido.

A respeito da divisão de trabalho entre as antigas tribos guianenses, Biet (1664:354, *apud* Meggers & Evans, 1957:575-576), somente informa que era processada de acordo com o sexo, com tarefas possivelmente executadas conjuntamente, havendo algumas atividades comunais, compreendendo a abertura de roçados e construção de casas, com a condição do interessado dar uma festa em pagamento, precedendo o trabalho. E Hurault (1963:19), por sua vez quanto aos modernos Galibí, registra apenas que, na preparação do *couac*, homens e mulheres trabalham conjuntamente, sem levar em consideração a divisão costumeira de trabalho. Todavia, elementos da aldeia do Oiapoque prestam mais esclarecimentos acerca da distribuição das atividades entre os Galibí. E afirmam que, pelo menos no seio do grupo, isso já não ocorre com a rigidez de outrora “quando era excessivo o trabalho executado pelas mulheres”. Aos homens cabia efetuar a abertura dos roçados, caçar, pescar, confeccionar os cestos e os artefatos de madeira.

As mulheres executavam o plantio, limpeza e colheita das lavouras, transportavam os produtos para a aldeia, processavam o algodão e a cerâmica, cortavam lenha, preparavam a comida e cuidavam das crianças. Presentemente, o plantio já se constitui em atividade mista, e os homens, embora esporadicamente, participam das colheitas e transportes. A coleta de frutos silvestres que antes era feita por ambos os sexos está quase que restrita aos homens (46). E na fabricação da

(46) — O chefe do grupo nos declarou não permitir mais que sua esposa e filhas apanhem frutos “em lugar perigoso”.

farinha que, como vimos, não é uma atividade tradicional, ambos os sexos se revezam em ralar e torrar, e as mulheres efetuam a mistura da massa e prensagem no tipiti.

A rotina de trabalho diária na aldeia se inicia entre 6 e 7 horas, e após um intervalo para o almoço, o qual pode variar de uma a três horas, aproximadamente, se prolonga até o anoitecer, mas aos domingos não executam serviços de lavoura. O abastecimento diário de peixe comumente é providenciado pelos meninos que pescam com linha e anzol, em pequenas ubás, às vezes acompanhados de elementos do sexo oposto; os adultos só tomam a si o encargo quando se trata de colocação de espinhéis ou de barragens. Caçadas e pescarias noturnas ocorrem segundo a necessidade, mas pelo menos três vezes na semana os homens costumam interromper o sono para efetuar uma “espera” ou “fachear” pelos igarapés. Além do trabalho em cooperação que costumam realizar por ocasião das derrubadas, fazem mutirões para os plantios. Ocasionalmente solicitam também a ajuda de terceiros para o transporte de colheitas e construção de habitações. Elementos de grupos domésticos distintos, embora raramente, entram em acordo para confecção de artefatos destinados à venda.

O aprendizado das técnicas tradicionais, dizem que antigamente era iniciado logo após aos cinco anos. Aos meninos, primeiramente ensinavam a fabricar cestos e às meninas a processar o algodão; e em seguida, os trabalhos de madeira e cerâmica, para um e outro sexo, respectivamente. Na atualidade, todos os homens adultos ainda conhecem essas técnicas tradicionais, porém, segundo informam, somente os dois mais velhos sabem-nas em toda a complexidade. Por sua vez as mulheres adultas sabem processar o algodão e a cerâmica, porém, por parte das jovens, já se nota certa relutância em dedicar-se ao aprendizado. Vários dos pais também já manifestam mais interesse em que os filhos adquiram uma instrução escolar, ou aprendam ofícios que lhes possam proporcionar melhor renda.

Segundo Gillin (1948:850), entre as tribos da área guianense, o dinheiro e outros meios universais de troca são des-

conhecidos, não sendo os excessos de gêneros avaliados como riqueza. Acrescenta não existir entre as mesmas "market institution", não obstante que, outrora, tivesse lugar com algumas delas considerável permuta. Porém, que os europeus, além de mercadorias, introduziram a prática através da qual os índios trocam o trabalho por utilidade (Ibid). No entanto, Hurault (1963:22), já informa que os Galibí contribuem largamente para o abastecimento das comunas de Saint-Laurent e Mana, principalmente com a venda de produtos agrícolas e, ocasionalmente, de peixes, costumando alguns homens e adolescentes de mais de 18 anos aceitar trabalho fora da aldeia na maioria das vezes como assalariados. Os elementos da aldeia do Oiapoque afirmam, igualmente, que desde o antigo ambiente vinham efetuando suas transações comerciais através de dinheiro, pois vendiam produtos de lavoura, caça, pesca e artigos manufaturados da cidade de Mana e, esporadicamente, exportavam peixes moqueados para o Suriname. Conforme vimos anteriormente, já exerciam e ainda exercem ocupações fora da aldeia alguns desses elementos, sendo que quatro (um casado e três solteiros) trabalharam recentemente numa estrada de rodagem que está sendo aberta entre o Oiapoque e o Calçoene.

Dentre os produtos excedentes comerciáveis, o mais importante atualmente para a comunidade, é a farinha de mandioca, estando cada grupo doméstico vendendo mensalmente, em média, 150 quilos do produto. Embora com menos regularidade, negociam também outros produtos, como batata doce, abacaxis, frutas cítricas, peixes, carne de caça, peles de animais silvestres, sementes de ucuúba, objetos de cerâmica, canoas, tábuas, rédes de dormir e de pesca (47). A farinha, peles silvestres e oleaginosas são transacionadas com comer-

(47) — Técnicas não tradicionais, como o desdobramento de madeira e a fabricação de rede de pesca, não são comuns a todos os homens. Nos dias que decorrem somente um deles fabrica rédes de pesca com objetivo comercial. Em serrar tábuas apenas se ocupam o líder do grupo e o filho mais velho, sendo que o último também já confecciona calças e camisas de uso masculino, inclusive para fora da aldeia.

ciantes; peixes, carnes, tubérculos e frutas, diretamente com os consumidores. Os objetos manufaturados são geralmente comerciados por encomenda, com ajuste de preço antecipado.

As transações são realizadas através das duas moedas correntes no Oiapoque (cruzeiro e franco), estando os Galibí a par da equivalência entre ambas. O comércio é mais ativo com o lado brasileiro, onde, além da população ser mais numerosa, a produção regional é precária. Acresce que do lado francês, em virtude dos *crioulos* — que até bem pouco tempo se ocupavam apenas com a mineração —, já se dedicarem à lavoura, conseguem apenas os Galibí vender-lhes embarcações, peixes e carnes, embora estes dois últimos produtos nem sempre apareçam como excedentes. No entanto, pelo que apuramos, procuram transacionar o mais possível em moeda francesa, face as vantagens que a mesma lhes proporciona (48).

A renda mensal de cada grupo doméstico no primeiro semestre de 1964, conforme esclarecimentos que nos foram fornecidos, oscilava entre 20.000 e 40.000 cruzeiros mensais, computando-se também o apurado em francos. Contudo, raramente atingiam a importância mínima a família mais velha, cujo agregado não presta cooperação continuada, e a da mu-

(48) — Em março de 1964, o valor de um franco equivalia a dois cruzeiros. E os preços dos gêneros de produção regional e mercadorias importadas, de acordo com os dados que obtivemos, eram os seguintes: LADO BRASILEIRO — Produção regional — farinha de mandioca, quilo, de Cr\$ 80 a 100; batata doce e cará, quilo, Cr\$ 50; abacaxi, unidade, Cr\$ 50; carne de caça fresca, quilo, Cr\$ 400; idem, salgada, quilo, Cr\$ 450; peixe de escama, quilo, Cr\$ 300; idem, de pele, quilo, Cr\$ 250; couro de onça, unidade, Cr\$ 50.000; de maracajá, unidade, Cr\$ 20.000; de aranha, unidade, Cr\$ 45.000; de caititu, unidade, Cr\$ 800; de queixada, unidade, Cr\$ 450; de veado, o quilo, Cr\$ 300; uma canoa de 4 metros de comprimento, entre Cr\$ 10.000 a 15.000; tábuas de louro de 20 palmas, dúzia, Cr\$ 5.000; idem, de cedro, dúzia, Cr\$ 10.000. Artigos importados — querosene, litro, Cr\$ 250; sabão, quilo, Cr\$ 500; sal, quilo, Cr\$ 250; pilha para lanterna, unidade, Cr\$ 250; facão, unidade, de Cr\$ 1.800 a 2.200. LADO FRANCÊS — Produção regional — carne de caça ou peixe de escama, quilo, francos antigos 250; peixe de pele, frs. 200; uma canoa de 4 metros, entre frs. 10.000 a 15.000. Artigos importados — querosene, litro, frs. 60; sal, quilo, frs. 60; sabão, barra de 450 gramas, frs. de 60 a 80; pilha de lanterna, unidade, frs. 100; facão, unidade, de frs. 500 a 700.

lher viúva. O máximo só era atingido ou ultrapassado pela do líder da comunidade, a qual, além de possuir, juntamente com mais duas outras, maior número de membros economicamente ativos, está melhor equipada materialmente (49). De qualquer modo essas rendas pareciam ser suficientes, pelo menos para suas necessidades atuais. Algumas das famílias tinham pequenas reservas monetárias, incluindo-se a do chefe que, na comemoração do aniversário do filho mais velho ocorrido na fase mencionada, dispendeu em doces e bebidas cerca de 25.000 cruzeiros.

Na aldeia somente oito homens possuem espingardas, sendo que os mesmos estão distribuídos entre seis dos nove grupos-domésticos existentes (50). Como proprietários de outros bens de valor mais significativo, destacam-se os grupos do professor da Escola do Rio Camopim, na Guiana Francesa, e o do líder da comunidade. O primeiro possui uma máquina de costura de pedal, um motor de pôpa Johnson de 10 H.P., um rádio receptor e uma panela de pressão. O segundo, uma máquina de costura adquirida com recursos próprios e, obtidos através de doações, um motor de pôpa Penta de 4 H.P. e as cabeças de gado mencionadas anteriormente. Quanto a estas, todavia, esclareceu-nos que irá distribuindo entre seus parentes na medida da expansão do rebanho, a começar pelo seu irmão, porém com a condição de cada interessado assumir o compromisso de cooperar no estabelecimento de cercas e pastagens.

CHEFIA

Comentam Meggers & Evans (1957:575) que a estratificação social era geralmente ausente na área guianense e que,

(49) — Não estão incluídas as rendas oriundas de trabalho assalariado. O professor Charles Paul, por exemplo, dizem que tem um ordenado mensal de 80.000 francos antigos. Os homens que trabalharam na estrada de rodagem, anteriormente citada, estavam sendo pagos à razão de 16.000 cruzeiros mensais, com a alimentação; no entanto, segundo vimos de ser informados, abandonaram o serviço em vista de estarem sendo enganados pelos empregadores.

(50) — Duas espingardas pertencem ao professor; duas ao jovem Emiliane, filho de Gérard Lod e uma ao próprio Gérard. Três outras famílias possuem uma espingarda cada.

embora os primeiros relatos falassem de “Chefes ou reis” refletindo uma introdução de idéias européias no meio dos aborígenes, autores mais judiciosos reconheceram posteriormente o limitado poder dos líderes. Segundo Biet (1664:361-362), os índios eram todos iguais a despeito de terem líderes, prováveis chefes de aldeias, “cujas ordens obedeciam em certas ocasiões”... Seus assuntos mais importantes eram aparentemente discutidos em conselhos compostos pelos homens adultos da aldeia e a decisão aceita era recomendada para os mais velhos, cuja experiência consideravam como grande sabedoria (Id., 1664:352-353, id., 1957:575). Boyer (1654:38, *apud* Meggers & Evans, 1957:573), por sua vez, registra que os índios não tinham soberanos, chefes ou senhores; não reconheciam superioridade entre si, sendo o mais velho membro de cada família respeitado como líder da mesma. Para comandar na guerra elegiam “um general” que estabelecia o tempo, o lugar de reunião das tropas, o ataque e o combate após o que ele não era mais autoridade (Ibid). Martius (1948:849) informa também que em cada aldeia Galibí havia um chefe eleito, mas de fraca autoridade, sobretudo quanto à agricultura comunal. Modernamente Gillin (1948:849) de igual modo observa que, na área guianense, uma aldeia fica sob a supervisão de um chefe que recebe conselhos informais dos homens casados mais velhos, porém, apenas nominalmente é o cabeça da aldeia pois que, verdadeiramente, chefes tribais estão ausentes em toda parte (Ibid). Hurault (1963:27), com referência aos atuais Galibí da Guiana Francesa, faz asserções semelhantes quando diz que os dirigentes das aldeias são simplesmente chefes de família, cercados pelos filhos de uma parte e de outra pelos genros, dependendo sua importância do valor da própria personalidade e do número de filhos e netos. Acrescenta ainda que a administração francesa agora reconhece apenas dois “capitães” — Romule Thérèse, em Awara e André Kayamaré (Yambou), líder de um grupo familiar particularmente numeroso. Porém, antes de qualquer designação assegura-se a administração do assentimento das populações, e o “comando” é exercido sem coer-

ção, pois aquêle que se desentende com o chefe pode ir estabelecer-se algures (Ibid) (51).

Na antiga aldeia *Kuaxi*, na época da cisão, não havia chefe reconhecido internamente ou designado pelo governo da Guiana. No entanto, Gérard Lod esclarece que dada sua situação de funcionário público, já aparecia em maior evidência que os demais membros do grupo, porém, a posição de liderança que ora ocupa, assumiu por ocasião da migração, a qual planejou e dirigiu. Aparenta possuir uma forte personalidade. E além de achar-se em situação privilegiada quanto as relações de parentesco (52), e estar familiarizado com a cultura tribal, adquiriu, como vimos, fora do ambiente vários outros conhecimentos e uma larga experiência, valiosos, sem dúvida, para o exercício de uma função de tal natureza, considerando-se, principalmente, o estado de transição em que se encontra a comunidade.

Nos dias que decorrem, aliás, sua situação destaca-se sobretudo no que diz respeito aos assuntos externos do grupo. E dentre suas atividades deve-se mencionar aquelas que se relacionam à obtenção de assistência médico-sanitária, fiscalização da reserva tribal (53) e recepção de visitantes. Conforme registros anteriores, de sua iniciativa resultaram as instalações na aldeia da "escola rural" e da "casa de farinha". E também vem ocorrendo outras promoções de igual modo atuantes no processo de integração do grupo à sociedade brasileira,

(51) — Hurault (1963:27) comenta a seguir, embora sem mencionar as fontes, que "a antiga organização como a encontraram os antigos exploradores, permitindo a um chefe estender sua autoridade sobre milhares de indivíduos, desapareceu sem deixar traços, sendo impossível dizer-se se era baseada em crenças ou apenas de ordem militar". Todavia, de acôrdo com os autores anteriormente citados, essa ampla autoridade, provavelmente, só ocorria por ocasiões das expedições guerreiras.

(52) — Gérard é filho primogênito; seus três irmãos, sobreviventes de um total de 14 (um homem e duas mulheres, casados), residem na aldeia. Seu pai é o pajé de maior prestígio e o irmão do mesmo também é pajé.

(53) — Embora até o momento não se tenha registrado qualquer ameaça à integridade da gleba ocupada pelos Galibí, nenhuma providência oficial foi tomada quanto a sua localização em favor dos mesmos.

a saber : competições esportivas, festas nos moldes regionais, estabelecimento de relações de compadrio com brasileiros e registro civis de nascimentos.

Internamente, em acôrdo aliás com a tradição, pode-se dizer que sua autoridade de chefe restringe-se ao próprio grupo doméstico e segundo suas afirmações, quando julga haver necessidade de intervir fora desse âmbito, "age como parente". Como elemento de execução, participa, na mesma proporção que os demais, nos trabalhos de interesse comunal que se efetuam na aldeia. E não interfere, nem atua como intermediário, nas transações comerciais das demais famílias. Todavia, a posição de líder lhe vem proporcionando benefícios de ordem pessoal, decorrentes do prestígio que desfruta junto às autoridades regionais e maior convivência com outros agentes de nossa sociedade. Quando se ausenta, passa suas atribuições de líder ao irmão Julien, e, na falta deste, ao filho mais velho Emiliane.

CÍCLO DE VIDA

Informa Biet (1664:389-390 *apud* Meggers & Evans, 1957:576) que, entre os Galibí, assim que uma mulher se sentia grávida informava ao marido. Este então "fazia muitas coisas supersticiosas por temer que o filho morresse", e durante o período da gestação abstinha-se de aproximar-se ou de comer grandes peixes, como tartaruga ou outros semelhantes, ou ainda de acercar-se de indivíduos que estivessem pescando esses peixes. Depois do parto, passava "seis semanas comendo tão pouco que, ao levantar-se, parecia tão delgado como esqueleto" (Ibid). E Laon (1654:96 *apud* Meggers & Evans, 1957:576), por sua vez esclarece que, após o nascimento de um filho, a mulher ia banhar-se no arroio mais próximo, retomando incontinenti suas atividades costumeiras, ao contrário do marido que se recolhia à rede, "onde ficava três semanas, lastimando-se às visitas por estar com o estômago vazio".

Na aldeia do Oiapoque, presentemente, em contraste com o que ocorria antigamente, não é o marido e sim a mulher que ao sentir-se grávida, em benefício da própria saúde e não do filho, inicia uma dieta alimentar que se prolonga até o sétimo ou oitavo mês, quando presumem que o feto já atingiu o máximo desenvolvimento. Durante êsse período, não come carne de animais de grande porte ou de casco, tais como anta, peixe-boi, tartaruga, jabuti e tatu, na crença de que se o fizer a criança crescerá de modo acentuado ou com ossos muito duros, provocando, assim, um parto laborioso que lhe poderá até ocasionar a morte. Por ocasião do mesmo permanece na rede, onde é assistida por outra mulher que secciona o cordão umbelical utilizando uma tesoura, que na aldeia do Oiapoque já costumam esterilizar em água fervendo ou no alcool (54). A placenta é enterrada, sendo a criança lavada em água fria e três dias após o nascimento pintada com urucu. Contudo, ao contrário também do que se verificava antigamente, a mulher após expelir a criança não reinicia seus afazeres. Durante os oito dias seguintes guarda o leito e só ingere alimentos leves. Subseqüentemente, passa executar ligeiros serviços caseiros, porém, o retorno aos trabalhos de lavoura e condução de carga irá verificar-se após decorridos 60 dias.

A participação do pai no rito do nascimento, entre os elementos do grupo, está bastante atenuada em comparação com o passado. Como vimos, a dieta no período de gestação foi invertida. E agora após o parto o homem não mais se recolhe ao leito e se alimenta normalmente, mas durante oito dias não ingere bebidas alcoólicas, pois é crença que se assim proceder “o filho morrerá inchado”. Também na primeira vez que for pescar, caçar ou trabalhar na roça, deve pintar o corpo com urucu e executar vários movimentos com a arma ou ferramenta em direção ao filho. Todavia, caiu em desuso o antigo ritual que, conforme informantes do grupo, ocorria entre os Galibí quando nascia um primogênito, consistindo na colocação no pai da criança de um cinto e duas braçadeiras contendo tocan-

(54) — Antigamente, o umbigo era cortado com uma lâmina de taboca (Kayaetopô).

diras (55) por parte do seu genitor ou do parente mais próximo na linha masculina ascendente.

Presentemente, entre os Galibí do Oiapoque, quando um elemento do sexo masculino passa a ser considerado adulto, não mais é submetido a uma reclusão acompanhada de dieta alimentar como dizem ter acontecido no passado, porém, em ligeira cerimônia sujeitam-no a uma flagelação, por tocandiras, nos membros superiores.

Todavia, a passagem de uma jovem para a puberdade, continua sendo marcada através de vários rituais. Tão logo se lhe manifesta a primeira menstruação é recolhida a uma parte da habitação adredemente fechada, onde a mantém durante oito dias deitada em posição horizontal, alimentando-se apenas de mingaus, chá ou água morna. Na noite do oitavo dia, então, as mulheres mais velhas da aldeia penetram no cubículo onde a jovem se encontra, e, primeiramente lhe dirigem palavras de incentivo “para que seja uma mulher trabalhadora”. Em seguida “para tornar suas mãos habilidosas” fazem-nas uní-las com as palmas para cima, colocando sobre elas um chumaço de algodão ao qual ateiam fogo, cumprindo a moça mantê-lo até a chama extinguir-se, passando-o de uma para outra mão. Finalmente, “para não se tornar uma criatura preguiçosa”, introduzem seus braços em um vaso contendo tocandiras e, durante alguns momentos, a estimulam a suportar as ferroadas sem gritar ou chorar. Uma outra cerimônia tradicional que, segundo dizem, consistia na colocação de ligaduras (*sepu*) nas pernas das jovens púberes, não mais se observa no seio da comunidade.

Após o período de reclusão, e no decorrer de mais sessenta dias, a moça ainda continua sendo submetida a outras prescri-

(55) — Os Galibí do Oiapoque mencionam duas variedades de tocandiras — a grande Iraku e a pequena Yukú — sendo a última utilizada em casos de flagelações. Becher (1955:40-41), baseado em Biet (1652:Liv. 3, ch. 10), informa que os Galibí enchiam de grandes formigas pretas cintos de folhas de palmeira, para usá-los na iniciação de caciques; acrescenta ainda que “tais processos são aplicados também por ocasião de outras consagrações no período da puberdade, até mesmo das moças”.

ções. Por exemplo, não lhe permitem comer frutos como a melancia, caju, mamão e tucumã “para não ficar uma mulher doentia”. E também, para ter vida longa, a banana que é fruto de árvore de curta duração. Deve nesse período evitar, igualmente, contato com substâncias de côr branca, entre os quais mencionam o sabão e o arroz, “para que seus cabelos não fiquem brancos prematuramente”.

As mulheres do grupo do Oiapoque durante o período cata-menial não se banham e interrompem suas atividades, excetuando a fiação de algodão. Como abortivos indicam sumos de frutas ácidas, ainda verdes, e a carne de arraia cozida, mas dizem que só mulheres solteiras ou viúvas procuram evitar filhos. E que, ao contrário, mulheres casadas, em face a uma prolongada ausência de filhos, para provocar a concepção ingerem uma beberagem composta de caxiri ou de outra bebida alcoólica, com ovos de aranha ou pata de mucura fêmea (*tianduncanún* — mãe do filho) por ser animal muito prolífero. Porém, acreditam que o remédio somente surtirá efeito se for preparado por outra mulher, a qual, no entanto, não deve entregá-lo diretamente à interessada. Esclarecem, também, que muitos filhos de um único sexo não são desejados. E, assim sendo, duas mulheres que já tiveram três repetições, mas em sentido contrário, a fim de que, na próxima vez, venham gerar criança de sexo diferente das anteriores, observam uma prática que consiste na permuta dos cordões com que amarram a saia ou o calimbé.

A respeito do infanticídio, que, aliás, é ocorrência comum entre inúmeros grupos indígenas, quanto aos Galibí, nada encontramos nas antigas fontes examinadas. E a cremos nas afirmações dos elementos da comunidade do Oiapoque, fato algum dessa natureza chegou-lhes ao conhecimento através da memória tribal. Atualmente julgam ser comportamento inadmissível sacrificar uma criança recém-nascida, pelo fato de a mãe ter falecido, pois “sempre deverá existir outra mulher para criá-la”.

Informam Meggers & Evans (1957:577), baseados em Biet (1664:390), que na área guianense os funerais e métodos de disposição dos cadáveres variavam grandemente entre os grupos adjacentes. A cremação dos corpos e dos ossos é mencionada em algumas fontes, porém, diferindo os detalhes em cada ocorrência. Biet (1664:390 *apud* Meggers & Evans, 1957:577), por exemplo, descreve a ereção de uma pira funerária, onde o corpo era colocado juntamente com utensílios e flechas, bem como outra modalidade que consistia em manter o enterramento até a consumação da carne, seguindo-se a cremação dos ossos e mistura das cinzas com água para serem bebidas com repastos. Em seguida, informa que um entêrro Galibí compreendia cânticos, danças e choros (Ibid.). Harcourt (1613:92 *apud* Meggers & Evans, 1957:577) esclarece que outros indivíduos eram sacrificados para acompanhar chefes “no outro mundo”, sendo a vítima, preferencialmente, um escravo ou prisioneiro do morto e na falta um servo. Boyer (1654:267 *apud* Meggers & Evans, 1957:577), por sua vez, informa que eles sacrificavam não só servos como parentes e amigos, as mais velhas das espôsas e crianças, para servi-los no outro mundo (56). Gillin (1948:851), ainda com referência aos enterramentos entre esses povos, registra que os cadáveres eram geralmente enterrados no interior das casas, envolvidos em uma rêde, uma velha canoa ou tronco cavado, havendo o subsequente abandono da maloca, sendo rara a cremação. E Roth (1924:862) fala que os Galibí deixavam os cadáveres insepultos durante uma semana, em uma rêde, e o fluido produzido pela decomposição era coletado em um vaso a fim de que algumas gôtas fossem bebidas pelos pajés iniciantes.

Informantes da aldeia do Oiapoque fornecem outros esclarecimentos acêrca dos enterramentos tradicionais entre os Galibí, a saber: o cadáver era pintado com urucu, envolvido em rêde ou casca de árvore (*tapiriri*) e colocado em sepultura re-

(56) — Meggers & Evans (1957:577), consideram suspeitas essas indicações pelo fato de colidirem com a pouca deferência no tratamento dos chefes durante a vida, bem como tais práticas não encontrarem paralelo entre outras tribos da floresta tropical.

tangular, de dois metros de profundidade, aproximadamente, com a frente voltada para o nascente. Esclarecem, ainda, que o morto ficava insepulto até a chegada dos parentes que habitavam outras aldeias, aos quais despachavam emissários tão logo ocorria o falecimento. Todavia, dizem nada saber, ou talvez não desejem revelar, a respeito do uso do fluído de cadáveres na iniciação da pajelança acima registrado, o mesmo ocorrendo quanto a possíveis formas de enterramento secundário. Nada elucidam, também, a respeito de sacrifícios de outros indivíduos para acompanhar chefes na sepultura; no entanto o informante de Awara, embora sem minúcias, falou em certa oportunidade que “os velhos contavam” que os antigos Galibí enterravam com vida pessoas de idade avançada, ou conforme suas próprias expressões “de pele encarquilhada”.

Entre os atuais Galibí da Guiana Francesa, geralmente ainda se verifica a destruição da casa do falecido e dos seus objetos familiares, mas já se observa a tendência para a venda dos pertences de valor do mesmo (Hurault, 1963:27). Porém, informantes da aldeia do Oiapoque dizem que entre eles isso não mais ocorria no antigo ambiente, e a respeito citam apenas um caso de uma mulher que, “como nos velhos tempos”, enterrou o marido que se havia enforcado na própria maloca, havendo-a incendiado em seguida, juntamente com os pertences do suicida. Afirmam, aliás, que em *Kuaxi* já possuíam cemitério, faziam caixões de madeira, colocavam cruzeiras nas sepulturas e acendiam velas no Dia de Finados. Hoje, efetuam os enterramentos na necrópole da cidade de Oiapoque, e os objetos do morto são utilizados pelos demais membros da família, exceto alguns de uso mais íntimo que ainda costumam destruir.

Na aldeia do Oiapoque o luto é observado pela morte de parentes consanguíneos, como pais, filhos e irmãos; e entre os afins por marido e mulher. Ocorre pelo falecimento de adultos e de crianças, a partir de 7 ou 8 anos, mas, segundo expressões de um elemento do grupo, “isso varia de acôrdo com a amizade devotada pelos parentes ao falecido”. O tempo aproximado de duração é de um ano, em se tratando de adultos, e de

seis meses para crianças. De acôrdo com a tradição, na maioria das vêzes ainda respeitada, antes da cerimônia de encerramento do luto viúvo(as) não podem contrair nôvo matrimônio, salvo se for obtido consentimento de um irmão do cônjuge falecido, tendo precedência o mais velho que, neste caso, corta uma mecha de cabelo do(a) cunhado(a).

Como sinal de pesar, os homens cortam o cabelo bem rente enquanto as mulheres acima dos ombros e à altura do meio da testa. Em seguida, deixam-no crescer até o dia do encerramento do luto, embora os homens costumem fazer, de quando em vez, ligeiros retoques. Até 15 dias após um falecimento, os enlutados se alimentam com moderação “a fim de não se tornarem grandes comilões”. E para que “o espírito do morto não venha perseguí-los”, durante o mesmo período, não tomam banho, interrompem as atividades de caça, pesca e lavoura e, na primeira ocasião em que retornam ao trabalho, pintam o corpo com urucu. Em intenção ao morto, oito dias após o sepultamento, efetuam uma ladaíinha (*manganô*), durante a qual acendem velas, rezam orações católicas e entoam canções tradicionais (57). E três ou quatro meses após costumam realizar outra ladaíinha.

Para a cerimônia de encerramento (*ipekodonon*) vários preparativos são realizados. Adquirem tesouras, pentes, espelhos e confeccionam novas roupas e adôrnos. Fabricam caxiri e intensificam as atividades de caça e pesca para proporcionar farta comida aos participantes. A festa se prolonga de dois a três dias, no decorrer dos quais dançam somente ao som de canções tradicionais. O ritmo da dança é marcado por um homem com um tambor (*samburá*) e acompanhado pelas mulheres com o maracá (*kalawaxi*). Movimentam-se ora em fila, ora aos pares de mãos dadas, porém os membros da família enlutada não podem dançar entre si. Ao alvorecer do último dia todos os participantes se dirigem à margem do rio, puxam-se uns aos outros para a água e, a seguir, trocam as roupas

(57) — As orações católicas que antigamente eram rezadas em *patois*, hoje já o são em português.

para a cerimônia final. Esta consiste no corte do cabelo, pintura do rosto com *Arakuseri* e colocação de adornos nos membros da família, por convidados especiais, um para cada membro e de sexo idêntico. Os vasos que serviam para depositar os cabelos são conduzidos como recordação pelos respectivos convidados.

DIVERTIMENTOS

Os Galibí do Oiapoque, nos dias atuais, só costumam realizar festas tradicionais por ocasião dos cerimoniais do luto, ou quando aparecem visitantes de destaque interessados em assistí-las. Nas festas ora realizadas, e sobretudo os jovens, dançam ao som de músicas brasileiras ou de "jazz", tocadas em harmônicas por executantes regionais ou em vitrolas que tomam emprestadas a habitantes das circunvizinhanças. Essas reuniões dançantes são muito freqüentadas por brasileiros, mas raramente por *crioulos*, cuja presença pelo que nos foi dado apurar, não lhes causa motivo de satisfação. No Mana dizem que realizavam apenas uma grande festa, ou seja por ocasião da entrada do Ano Nôvo. Agora, por influência brasileira, já comemoram a época junina, acendendo fogueiras e promovendo relações de compadrio internas e externas. O dia de São Pedro é festejado com destaque, ocorrendo farta distribuição de caxirí, aluá e mingaus de milho e arroz.

O esporte predileto dos homens é o futebol ("soccer"), porém, recentemente, através do estabelecimento escolar foi introduzida na aldeia a prática do vólibol. Informa que praticavam o futebol, desde o antigo ambiente, mas somente agora passaram a usar chuteiras. De tempos em tempos empenham-se em pugnas com *crioulos* e brasileiros, dizendo que aos primeiros sempre conseguiram sobrepujar.

RELIGIÃO E XAMANISMO

As indicações da área guianense relacionadas aos primitivos tempos, segundo Meggers & Evans (1957:578), mostram

quase unanimemente que os índios eram completamente isentos de religião, mas com conceitos bem definidos do sobrenatural. Acreditavam que o sol e a lua fôssem vivos, mas não os adoravam nem lhes faziam sacrifícios (Harcourt, 1613 *apud* Meggers & Evans, 1957:578). Reconheciam o demônio como a causa de suas desventuras, porém não o veneravam (La Barre, (1666:38-39 *apud* Meggers & Evans, 1957:578). Informa Biet (1664:360 *apud* Meggers & Evans, 1957:578) que os Galibí reconheciam dois sobrenaturais. E Laon (1654:97-98 *apud* Meggers & Evans, 1957:578), mais detalhadamente, esclarece que eles acreditavam em Deus e no Demônio. Ao primeiro chamavam "Tamoussi Cabou" (o velho homem do céu) e ao segundo "Iroucan", e todo o bem lhe era trazido por Tamoussi Cabou e os infortúnios por Iroucan. Portanto, já que Tamoussi era naturalmente bom não rezavam para ele, e sim para Iroucan a fim de que este não os destruíssem (Ibid). Penard (1925:27-64) *apud* Goeje, 1943b:35-36), por sua vez, quando se ocupa dos Kaliña (Galibí do Suriname) fala no mito da "Virgem Mãe" (*Amana*), a qual originou através de um outro intermediário, os irmãos gêmeos *Tamusi*, criador de tudo que é justo e bom e ancestral dos Kaliña, o *Yolokan-tamulu*, avô dos espíritos da natureza, criador das trevas e da miséria, sendo o primeiro inconcebível sem o segundo, tanto quanto a luz sem as trevas. E acrescenta que, embora a "Virgem" produzisse *Tamusi* ao alvorecer do primeiro dia e *Yolokan* ao anoitecer do mesmo dia, *Tamusi* chama irmão mais velho para *Yolokan*, e este a *Tamusi* irmão mais nôvo (Ibid).

Os Galibí da Guiana Francesa, segundo Hurault (1963:37), em sua quase totalidade já aderiram ao catolicismo. Todos estão sendo batizados, havendo capelas nas principais aldeias, e grande parte das crianças passaram a ser educadas por religiosos. No entanto, conservam com toda sua força e eficácia as crenças e costumes tradicionais. Os mitos e lendas são sempre transmitidos aos meninos e a função do "homme médecine" conserva seu valor e importância social (Id., 1963:34).

Na aldeia do Oiapoque não existe capela, porém ocorrem visitas periódicas dos padres radicados na região, e todos seus

componentes são batizados. Afirmam professar a religião católica, mas esclarecem que, no Mana, vários seus parentes aderiram a seita protestante dos adventistas, a qual um dos informantes criticou em face às proibições impostas pela mesma quanto a determinados alimentos “pois na Bíblia nada disso está escrito”. Entre os dias santificados, guardam o de S. José que elegeram padroeiro da comunidade, a Semana Santa, o Dia de Todos os Santos, Finados e o nascimento do Messias.

Ao Pai Eterno chamam *Tamusí* (Velho), a Jesus Cristo (*Papá*) e ao Demônio *Yaruma* (invisível). Dizem que “os velhos contavam uma história parecida com a da Arca de Noé”⁽⁵⁸⁾. Conforme ainda a memória tribal, aos primeiros estrangeiros que chegavam à costa da Guiana, os Galibí denominavam *paranakeri* (espírito do mar), pois acreditavam que eles emergiam do fundo do oceano. Ainda hoje presumem existir povos míticos nas cabeceiras do Maroni: os *patakayana* “que à noite se transformam em traíras e dormem às margens dos rios; os *aratayana* e *kurewakoyana* que se mudam em guaribas e papagaios, respectivamente, e “dormem nos galhos das árvores”; os *Yeroyana* que se transformam em morcegos; e os *kanboyana* em “carne moqueada”. Falam também que entre as nuvens habitam “sêres invisíveis” (*meawari*) entre os quais existem alguns mais valentes que produzem o trovão”. E em outros sobrenaturais que “vagam pelo ar e pelo fundo dos rios” — os “espíritos de cima” (*kaono*), os “espíritos de baixo” (*popono*) e os “espíritos da água” (*tunakeri*). Acrescentam que entre os mesmos existem os benígnos e os malignos e que os últimos são “mais numerosos no Mana e no Maroni, ao contrário do que ocorre no Oiapoque, onde há maioria de espíritos bons”.

A principal função dos antigos xamãs Galibí⁽⁵⁹⁾, consistia na cura de doenças que faziam por “típicos métodos”, compreendendo danças, sopros e extração de objetos. Porém não tra-

(58) — Conforme Goeje (1943b:109), entre todos os povos indígenas das Américas, existem mitos a respeito do dilúvio.

(59) — Gillin (1948:856), registra que a designação de xamã entre os Karíb é “*piái*” e derivados, ou “*mariri*” (“Caroni River”). Os Galibí do Oiapoque chamam *piéye*.

tavam ferimentos ocorridos em combates e acidentes, pois isto era executado pelas mulheres com aplicação de ervas (Biet, 1664:385-387 *apud* Meggers & Evans, 1957:578). A profissão os obrigava a rigorosas regras quanto a comidas e bebidas, e não podiam tocar em alimentos como “mamotee” (?), manteiga, queijo, porco marinho, golfinho e tôdas as espécies de gorduras de carne (Laon, 1654:54 *apud* Megegrs & Evans, 1957:578). Quanto ao treinamento dos xamãs, nos dias atuais, Gillin (1948:856), baseado em outras fontes (Andrés, 1938; Penard, 1928-29; Ahlbrink, 1931), informa que a técnica empregada pelos Karíb do Suriname, é típica nas Guianas, embora possam haver variações. Na iniciação eles aprendem como entrar em transe e, durante 24 dias e noites, são submetidos a várias provas que consistem em beber tabaco com água, espargir água com pimenta nos olhos, saltar no fogo e dançar sem dormir (Ibid).

Entre os Galibí do Oiapoque existem dois pajés, ou sejam o velho Joseph Lod e seu irmão Alfonso, chegado do Mana em 1963. O primeiro é grandemente reputado no seio da comunidade, sendo seus serviços de curandeiro constantemente solicitados apesar do largo uso que fazem de medicamentos. A crermos em suas afirmações, entre os Galibí atuais, as práticas relacionadas ao xamanismo basicamente ainda obedecem aos padrões tradicionais, embora que o treinamento esteja bastante atenuado em comparação com o passado.

O pajé diz exercer sua função por influência dos sobrenaturais anteriormente citados, com os quais se comunica durante os sonhos e invoca através de batidas do maracá, com acompanhamento de danças e canções. Atribui-se a capacidade de provocar ou de fazer cessar chuvas e de curas e malefícios⁽⁶⁰⁾. No exercício do curandeirismo, não só dança, canta e chocalha, como também aplica no paciente fumigações com

(60) — Informam elementos do grupo do Oiapoque que entre os Galibí da Guiana Francesa, existiam pajés famosos pelo poder que possuíam para praticar o mal. E apontam um deles, seu inimigo, como principal causador da migração do grupo, “pois vinha matando seus parentes através de feitiços”. Acrescentam, porém, que logo após se

tabaco, massagens, e chupa o lugar afetado para extrair corpos estranhos — pedras, dentes de animais e insetos — os quais em seguida destroi.

O período de treinamento agora tem a duração aproximada de dez dias, no decorrer dos quais o iniciante aprende as canções destinadas à invocação dos espíritos que devem ser emitidas através de sons guturais. É mantido isolado em um tapiri, onde só pode ser visitado pelo “mestre xamã” que o alimenta com chibés, e nos dois últimos dias de reclusão o faz ingerir infusões de tabaco com água ou caxiri, as quais atuam como vomitórios para purificar o corpo. Todavia, se deseja tornar-se um xamã poderoso, deve submeter-se a novos treinamentos, inclusive para aprender a comunicar-se com “espíritos de árvores”, dentre as quais mencionam uma de nome *takiin*, cujo líquido do caule, quando ingerido, dizem provocar forte reação febril (61). Nos dias atuais, citam como alimentos proibidos para os pajés o leite, a banha, a manteiga, a carne de boi e de porco, bem como condimentos afora o sal, a pimenta e o tucupi. Também não ingerem comida que saibam ter sido preparada por mulher menstruada, pois é crença de que aquele que o fizer perderá a faculdade de “emitir canto gutural”, e cuja recuperação só alcançará após submeter-se a tratamento com outro pajé. E por isso mesmo informa que os pajés Galibí evitam, tanto quanto possível, alimentar-se em ambiente estranho.

Afirmam os elementos do grupo do Oiapoque que seus pajés nada cobram aos clientes pelo exercício da função de curandeiro. Todavia, após se haver recuperado de “uma grave enfermidade”, o beneficiado comumente oferta ao pajé um vaso com caxiri para ser bebido em uma reunião noturna, quando então o pajé canta e dança agradecendo aos espíritos pela cura realizada.

deslocarem foi o mesmo morto a pauladas, sendo o cadáver lançado ao mar amarrado em uma pedra. Todavia, ficou a crença de que uma anta no dia seguinte abatida por um caçador Galibí, “tinha as patas deformadas, pois se tratava do pajé assassinado que nela se havia transformado”.

(61) — Goeje (1943b:55), ao ocupar-se dos Kaliña, menciona os seguintes “espíritos de árvores”: “Takini, Ceyba, Kuasini, Ho-Plum e Kupí”.

SUMMARY

The Galibí (Karib), at the time of Biet (1652), inhabited the coastal part of the Guianas from “Mahury to the mouth of the Orinoco River”. Today they are located in Brazil, Dutch Guiana, and on the coast of French Guiana.

In the present article the author focuses mainly the Galibí of the Oiapoque River village (population 62), Territory of Amapá, Brazil.

Linguistic affiliation of the tribes of the area, their possible distribution in three cultural areas, and their cultural classification are given in the introduction.

The main part of the paper is divided in ten chapters: Villages and population, Clothing, Marriage and Family, Manufactures, Economy, Chieftain, Life cycle, Amusement, Religion, Shamamism. Special attention is given to the cultural change in its context, the present situation of the Galibí, and their relation with the outside world.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BECHER, HANS

- 1955 — Cintos e cordões de cintura dos índios sul-americanos (não andinos). Tradução de Frei Joaquim da Silva, O.F.M. — *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, Volume IX, São Paulo, pp. 7-180.

BIET, ANTOINE

- 1664 — *Voyage de la France equinoxiale en l'Isle de la Cayene, entreprise par les François en l'annés M. DC. LIII*. Paris.

BOYER, PAUL

- 1654 — *Veritable relation de tout ce que s'est fait et passé au voyage que M. de Bretigny fit à l'Amérique Occidentale*, Paris.

CARVALHO, AFONSO

- 1954 — *Rio Branco*. Biblioteca Militar, Rio.

CASTELNAU, FRANCIS DE

- 1851 — *Expedition dans les parties centrales de L'AMERIQUE DU SUD... Histoire du Voyage*. Tome, cinquieme, Paris.

COUDREAU, HENRI A.

- 1886 — *La France Equinoxiale — Etudes sur les Guyanes et l'Amazonie*. Tome Premier, Paris.

- 1887 — *La France Equinoxiale — Voyage a travers les Guyanes et l'Amazonie*. Tome Second, Paris.

EVANS, CLIFFORD E MEGGERS, BETTY J.

- 1957 — Archeological investigation at the mouth of the Amazon. *Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology*, Bulletin 167, Washington.

FARON, J. C. E STEWARD, JULIAN

- 1957 — *Native peoples of South American*. New-York, Toronton, London.

FRENAY, P. E HURAUULT, J.

- 1963 — Les indiens Emerillon de la Guyane Française. *Journal des Americanistes*, Nouvelle Série, Tome LIII, Paris, pp. 133-156.

FRIKEL, PROTÁSIO

- 1958 — Classificação linguístico-etnológica das tribos indígenas do Pará Setentrional e zonas adjacentes. *Revista de Antropologia*, Volume 2, São Paulo, pp. 113-187.

- 1960 — Os Tiriyó (Notas Preliminares). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia, n.º 9, Belém.

GALVÃO, EDUARDO

- 1959 — Aculturação indígena no Rio Negro. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia, n.º 7, Belém.

GILLIN, JOHN

- 1948 — Tribes of the Guianas. *Handbook of South American Indians, Bureau American Ethnology*, Bulletin 143, V. 3, Washington, pp. 799-860.

GOEJE, C. H. DE

- 1943a — *Neolithische Indinen in Suriname (Met gegevens der Expeditio-Ahlbrinck, 1938)*. E. J. Brill, Leiden.

- 1943b — *Philosophy, initiation and myths of the indians of Guiana and adjacent countries*. E. J. Brill, Leiden.

GUERRA, ANTÔNIO TEIXEIRA

- 1954 — Estudo geográfico do Território do Amapá. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, série A, "Livros", Publicação n.º 10. Rio.

HARCOURT, ROBERT

- 1613 — A relation of a voyage to Guiana. *The Hakluyt Society*, second series, n.º 60, London.

HURAUULT, JEAN

- 1963 — Les indiens du littoral de la Guyane Française Galibí e Arawak. *Revue "Les Cahiers d'autre-mer"*, Tome XVI, Bordeaux, pp. 145-183.

HURAUULT, J. E FRENAY, P.

- 1963 — Les indiens Emerillon de la Guyane Française. *Journal des Americanistes*, Nouvelle Série, Tome LII, Paris, pp. 133-156.

IBGE — SERVIÇO NACIONAL DE RECENSEAMENTO

- 1960 — VII Recenseamento geral do Brasil. Territórios Federais do Acre, Rondônia, Rio Branco e Amapá. *Sinopse preliminar do censo demográfico*. Rio.

KIRCHHOFF, PAUL

- 1931 — Die Verwandtschaftsorganisation der Urwaldstamme südamerikas. *Zeit Ethnol.* Vol. 63, pp. 85-193.

LAON, JEAN DE

- 1654 — *Relation du voyage des Français fait au cap de Nort en Amérique, par les soins de la compagnie établie à Paris et sous la conduite de Monsieur de Royville leur general; avec une ample description du pays, des moeurs et façon de vivre des sauvages, et observation des hauteurs*. Paris.

LA BARRE, ANTOINE JOSEPH LE FEBVRE DE

- 1666 — *Description de la France Equinoctiale, ci-devant appelée Guyanne, et pas les Espagnols, El Dorado*. Paris.

LOMBARD, J.

1928 — Recherches sur les tribus indiennes qui occupaient le territoire de la Guyane Française ver 1730 (D'après les documents de l'époque). *Journal des Americanistes*, Nouvelle Série, Tome XX, Paris, pp. 121-153.

MALCHER, JOSÉ MARIA DA GAMA

1963 — ÍNDIOS — Grau de integração na comunidade nacional. Grupo lingüístico — Localização. *Conselho Nacional de Proteção aos Índios*, Nova Série, Publicação n.º 1, Rio.

MARTIUS, CARL F. P. VON

1867 — *Beitrag zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens*. Vol. 1: Zur Ethnographie, Leipzig.

MEGGERS, BETTY J. E EVANS, CLIFFORD

1957 — Archeological investigations at the mouth of the Amazon. *Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology*, Bulletin 167, Washington.

PENARD, A. PH.

1925-27 — 1.º *Indiaasche legenden*, 2.º *lets, over onzen Carabischen Pujai*, De Periskoop, Paramaribo.

ROTH, WALTER EDMUND

1924 — An introductory study of the arts, crafts, and customs of the Guiana Indians. *Thirty-eighth annual report of the bureau of American Ethnology*. To the secretary the Smithsonian Institution, 1916-1917, Washington.

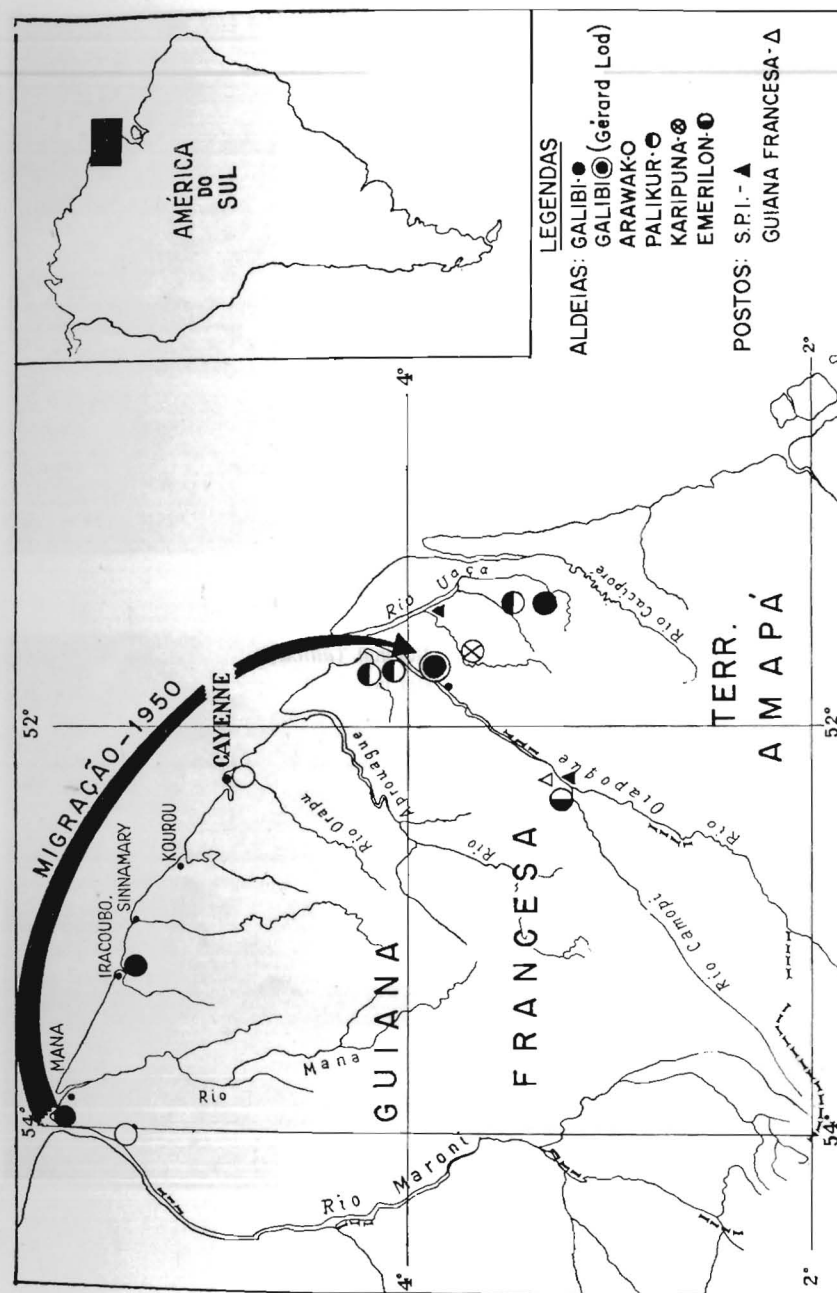
STEWART, JULIAN E FARON J. C.

1959 — *Native peoples of South America*. New-York, Toronton, London.

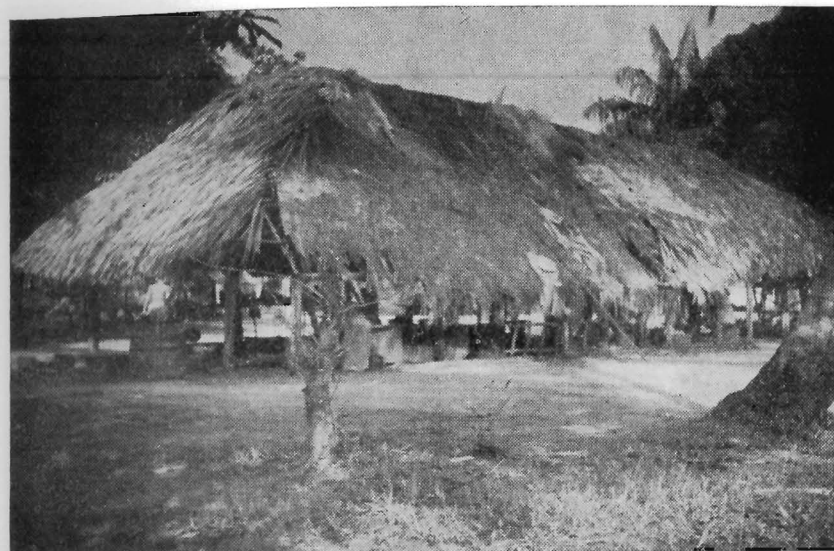
Memoire contenant l'esposé des droits de la France dans la question des frontières de la Guyane Française e du Brésil. Soumise a l'arbitrage du Gouvernament de la Confédération Suisse. ATLAS. Prototypia Berthaud frères. 31, Rue Belefon, Paris. Sem data.

* * *

ENTREGUE PARA PUBLICAÇÃO EM 29/9/65



a



ALDEIA GALIBÍ DO RIO OIAPOQUE

- a) Casa tradicional (*autoá*)
- b) Casa moderna.

b



Família Gérard Lod

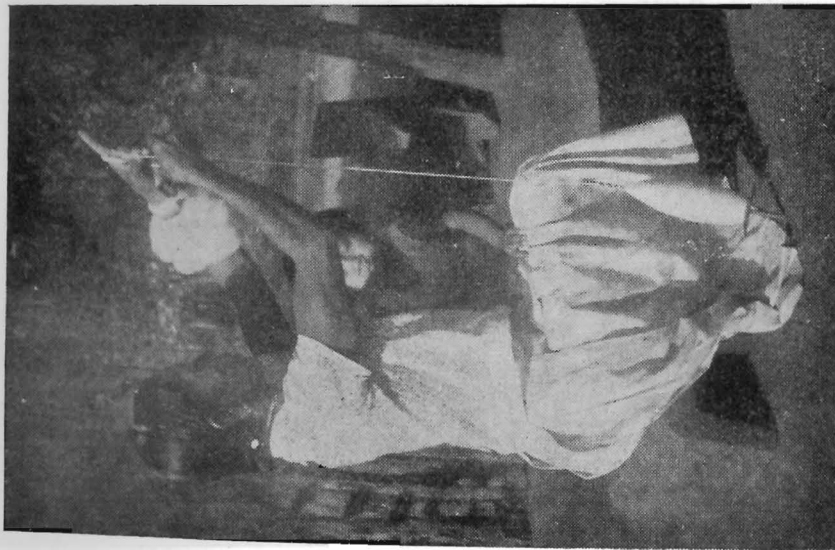


a



- a) Os homens mais velhos da comunidade do Oiapoque — Irmãos Joseph Lod (sentado) e Alfonso.
b) Processamento do algodão

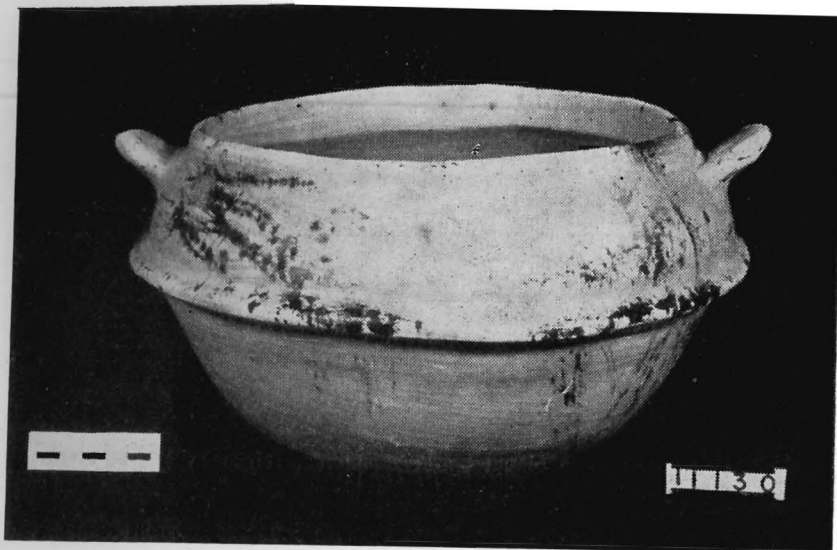
b



CERÂMICA

- a) Vaso para cozinhar (*mekuturuari*).
Vaso simétrico, carenado de bôca constricta, contôrnio composto e forma ovoidal.
Descrição: base plana; borda contraída, reforçada interna e inclinada externa. Lábio arredondado.
Decoração: simples, com manchas acinzentadas semelhantes ao processo de queima do vaso. Com duas asas diametralmente opostas.
Medidas: altura — 15,5 cm; largura máxima — 0,29 cm; diâmetro externo da bôca — 0,23 cm; (Col. Museu Goeldi, n.º 11.130).
- b) Vaso para água (*tunuvarî*).
Vaso simétrico de gargalo, contôrnio compôsto e forma ovoidal pontiagudo.
Descrição: base plana; borda expandida, reforçada interna e inclinada externa. Lábio arredondado.
Decoração: pintura vermelha sôbre a parte do gargalo em forma de linhas retas e curvas em carajuru. Coberta de jutaica tôda a parte pintada. O vaso possui uma tampa tendo ao centro um aplique zoomorfo com pintura em carajuru e cumatê. A tampa é revestida com jutaica.
Medidas: altura — 35,5 cm; gargalo — 14,5 cm; largura máxima — 36,5 cm; diâmetro externo da bôca — 19,5 cm; diâmetro da base — 0,21 cm. (Col. Museu Goeldi, n.º 11.138).

a



b



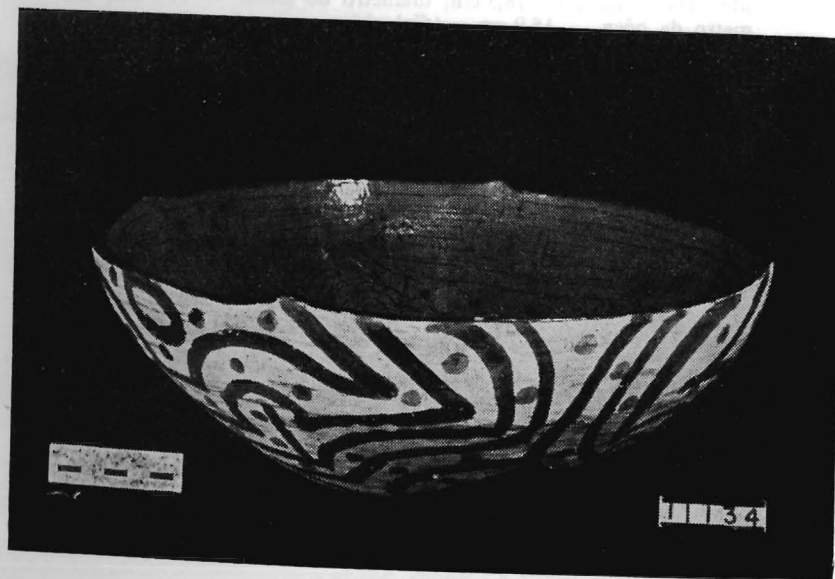
CERÂMICA

- a) Vaso para fermentação de caxiri (*samakú*).
Vaso simétrico de boca ampliada, contôrno infletido e forma ovoidal.
Descrição: base plana; borda expandida, reforçada externa e inclinada interna. Lábio arredondado.
Decoração: na parte interna pintado com cumatê e externamente com barro branco e cumatê, com linhas e pontos marrons também em cumatê.
Medidas: altura — 33,5 cm; largura máxima — 0,55 cm; diâmetro externo da boca — 52,5 cm; diâmetro da base — 22,5 cm. (Col. Museu Goeldi, n.º 11.127).
- b) Vaso para beber caxiri (*sabirú*).
Vaso simétrico de boca ampliada, contôrno composto de forma elipsoidal horizontal.
Descrição: base plana; borda contraída, reforçada externa e vertical. Lábio biselado.
Decoração: na parte interna, linhas geométricas cobertas de jutaica; e externamente pintado com barro branco com linhas e pontos marrons em cumatê.
Medidas: Altura — 0,11 cm; largura máxima — 0,26 cm; diâmetro externo da boca — 29,2 cm; diâmetro da base — 11,4 cm. (Col. Museu Goeldi, n.º 11.134).

a



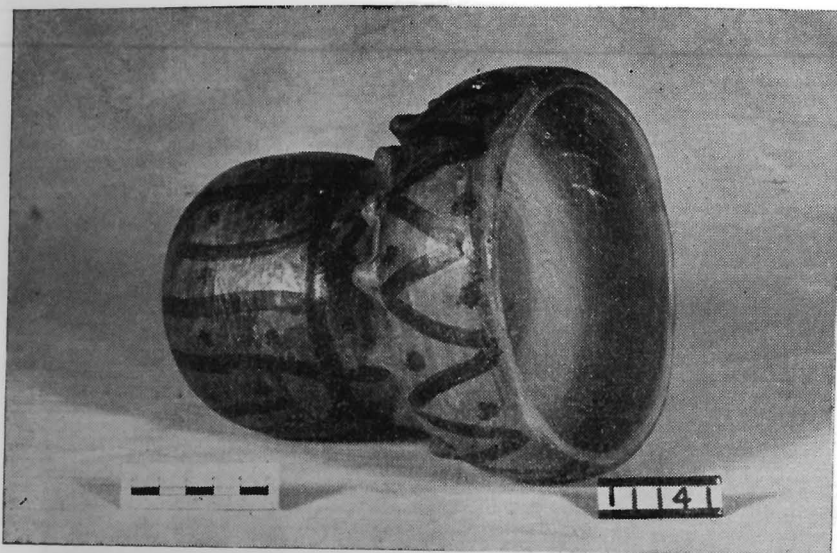
b



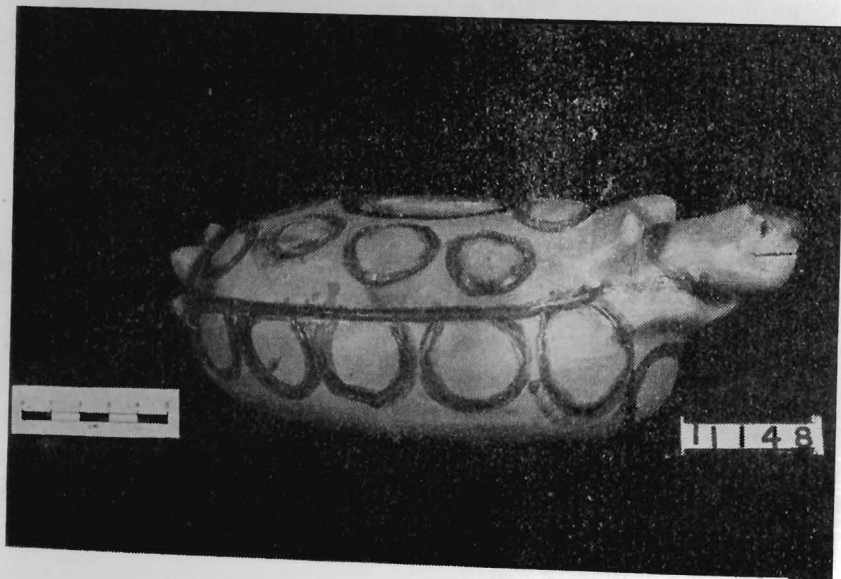
CERÂMICA

- a) Busina de cerâmica biglobular, de boca ampliada (*kuti*).
Descrição: base plana; borda expandida, reforçada externa e interna e pontos também em cumatê. Ainda na parte externa pequenos apliques de forma denteada contornando a borda.
 Medidas: altura — 18,5 cm; diâmetro do globo — 11,9 cm; diâmetro da boca — 15,9 cm. (Col. Museu Goeldi, n.º 11.141).
- b) Vaso simétrico zoomorfo, motivo — jaboti (*wayamo*).
Decoração: pequeno orifício na parte superior e incisões circulares pintadas com carajuru. Pintura retocada.
 Medidas: altura — 7,5 cm; largura — 0,13 cm; comprimento — 22,5 cm. (Col. Museu Goeldi, n.º 11.148).

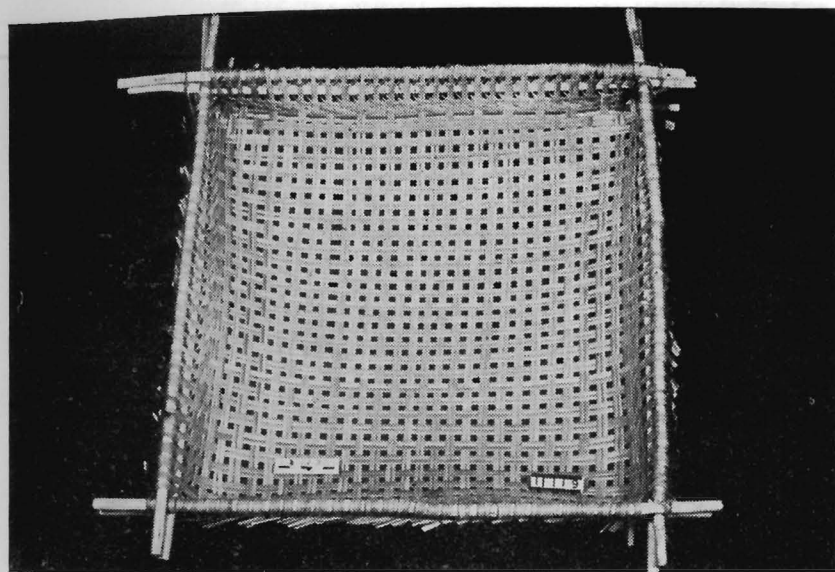
a



b

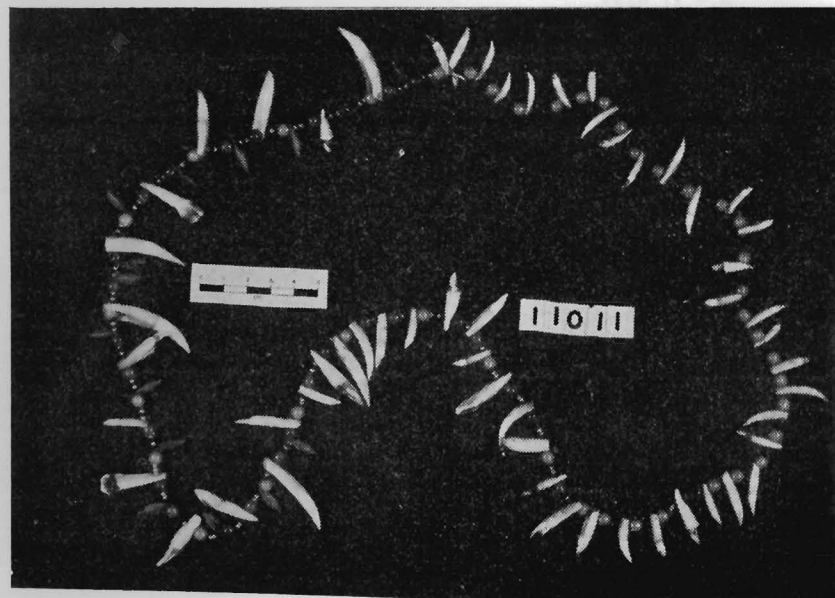


a

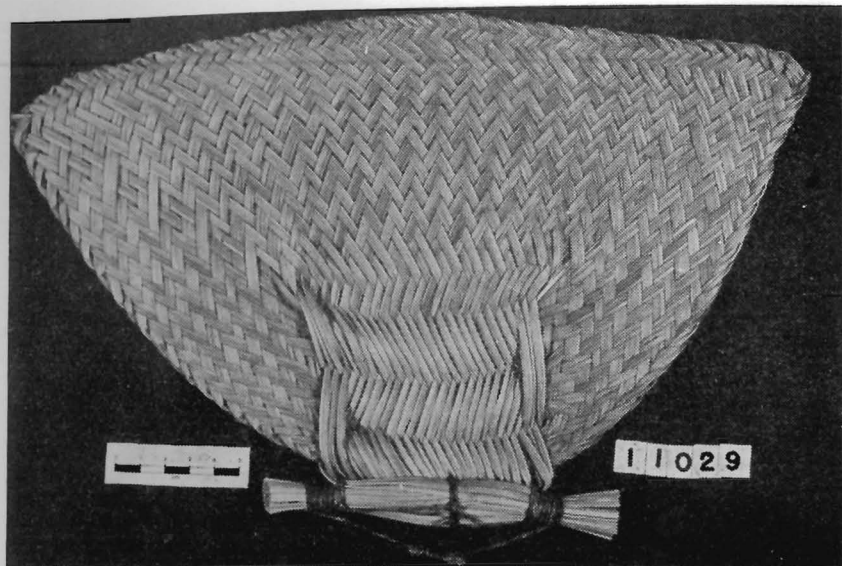


- a) Peneira de tala de arumã para coar massa de mandioca (*anusara*).
(Col. Museu Goeldi, n.º 11.119).
- b) Colar singelo de dentes de animais intercalados com miçangas)
(*aniká*). (Col. Museu Goeldi, n.º 11.011).

b



a



- a) Abano de palha de cunanã (*wariwori*). (Col. Museu Goeldi, n.º 11.029).
- b) Colar com duas voltas de sementes intercaladas com miçangas. (Col. Museu Goeldi, n.º 11.012).

b

